

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

VIVIANE DA SILVA

**GEOGRAFIA E GÊNERO:
DESAFIOS E DESEJOS DE MULHERES JOGADORAS DO FUTEBOL AMADOR DE
CHAPECÓ/SC**

CHAPECÓ

2023

VIVIANE DA SILVA

**GEOGRAFIA E GÊNERO:
DESAFIOS E DESEJOS DE MULHERES JOGADORAS DO FUTEBOL AMADOR DE
CHAPECÓ/SC**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Geografia.

Orientadora: Prof. Dra. Paula Vanessa de Faria Lindo

CHAPECÓ

2023

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Silva, Viviane da
GEOGRAFIA E GÊNERO: DESAFIOS E DESEJOS DE MULHERES
JOGADORAS DO FUTEBOL AMADOR DE CHAPECÓ/SC / Viviane da
Silva. -- 2023.
85 f.

Orientadora: Doutora Paula Vanessa de Faria Lindo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Geografia, Chapecó, SC, 2023.

1. Gênero e Futebol. 2. Geografia e Gênero. 3.
Geografias Feministas. 4. Espaço de representação do
futebol. 5. Futebol amador feminino. I. Lindo, Paula
Vanessa de Faria, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

VIVIANE DA SILVA

GEOGRAFIA E GÊNERO:

**DESAFIOS E DESEJOS DE MULHERES JOGADORAS DO FUTEBOL AMADOR DE
CHAPECÓ/SC**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Geografia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 13/07/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Paula Vanessa de Faria Lindo – UFFS
Orientadora

Prof. Dr. Everton de Moraes Kozenieski – UFFS
Avaliador

Prof. Dr. Fernando Rossetto Gallego Campos – UFFS/IFSC
Avaliador

Dedico este trabalho a todas as mulheres que
seguem ocupando e resistindo nos espaços que
nos foram/são negados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família por todo suporte, não somente no período de graduação, mas ao longo de toda a vida, certamente não estaria aqui sem eles, especialmente meus pais Terezinha e Moises e meus irmãos e irmãs Rose, Angelo, Seba, Paulo e Adri. Foi através deles que tive os primeiros contatos com o futebol e foram deles os primeiros incentivos que me levaram a vivenciar o esporte desde a infância.

Aos meus amigos e amigas da Geografia que foram meu suporte para enfrentar os obstáculos na graduação e, acima de tudo, foram meu suporte na vida ao longo desses anos. Difícil destacar um momento especial, mais difícil ainda nominar todos(as) que fizeram parte da minha história na UFFS, porém seria injusto não o fazer. Então, a todos(as) da turma de 2017/1, aos que seguiram na graduação, aos que tomaram outros rumos, a quem não está mais conosco, tenho muito orgulho de tudo que vivemos, desde o primeiro trabalho de campo para Ametista do Sul, quando fizemos nosso primeiro pós-campo e que nos rendeu boas histórias, afinal, histórias é o que mais temos. Foram viagens, festas, semanas acadêmicas, cafés geográficos, etc. Por todos os risos e lágrimas, alegrias e angústias compartilhados.

Aos que passaram pelo “apê Milton Santos” em 2018/2019 e aos que seguem comigo até os dias de hoje. A Isis por estar comigo em todo o processo, compartilhando de experiências que jamais esquecerei e quem contribuiu muito para o meu crescimento acadêmico e pessoal também, minha dupla de graduação, do Residência Pedagógica, imensamente grata por tudo que compartilhamos, por tudo que fez e que faz por mim. Ao Cauã por todo acolhimento, por todos os conselhos, por nunca deixar de estar presente tanto em momentos difíceis, quanto em momentos de alegrias. Ao Vitor por todas as conversas e cervejas, por me ensinar o verdadeiro sentido de correr atrás dos nossos sonhos, por mesmo longe, seguir presente de alguma forma. A Jana, mulher incrível e que tenho muito orgulho, por me inspirar a lutar por um mundo melhor para todas as mulheres, um mundo mais justo e de mais amor. Ao Murilo e Vini, que também estiveram e tenho certeza que estarão presentes em momentos muito importantes para mim. Ao Edu e Gerson por todo o apoio e inspiração ao longo da graduação, mas especialmente nessa reta final, pelas dicas que recebi, pelos materiais que me enviaram, até pela leitura de parte de minha escrita. Sem todos vocês, nada disso seria possível.

A todos os amigos e amigas que ao longo do TCC me marcaram em publicações e encaminharam referências referentes ao tema da pesquisa, pelas indicações de entrevistas.

A Paula, minha orientadora, por me fazer sentir acolhida pela Geografia ao me apresentar os estudos de Gênero, por todos os ensinamentos, pela paciência e compreensão no processo.

A todos(as) os(as) professores(as) que fizeram parte de minha graduação, especialmente ao corpo docente da Geografia *Campus Chapecó*. A Gisele que me trouxe as palavras certas no momento certo e, mesmo sem saber disso, me motivou através de um e-mail simples a não desistir da graduação em um dos momentos mais difíceis de minha vida pessoal. A Adriana que esteve comigo ao longo dos dezoito meses de Residência Pedagógica e que foi um suporte não somente no programa, onde aprendi e cresci muito, mas também no processo de adaptação no período pandêmico. Ao Marlon por todos os ensinamentos em Geografia Cultural e Geografia Histórica, por todas as dicas e indicações de referenciais teóricos que pude trazer para esta pesquisa.

A todas as pessoas que me possibilitaram fazer parte da vida acadêmica, mesmo com todos os compromissos fora da universidade.

A UFFS e a todos os envolvidos em sua implantação no município de Chapecó/SC, que me possibilitou estudar em uma universidade pública, gratuita e de qualidade sem precisar me deslocar para outra cidade longe de minha família.

Ao Programa Residência Pedagógica e a todos que participaram desse período junto comigo, aos colegas residentes, a professora coordenadora que já citei anteriormente, aos preceptores Rodrigo e Andressa, a escola Irene Stonoga, certamente essa experiência mudou completamente meu rumo na universidade.

E a todas as mulheres que reservaram um tempo em sua rotina corrida para me conceder os relatos que resultaram neste trabalho.

“Meu gênero é mais do que meu corpo, mas meu corpo é o lugar da minha experiência, onde minha identidade, história e os espaços em que vivi se encontram, interagem e se escrevem na minha carne. Este é o espaço de onde escrevo.” (KERN, 2021, p. 22).

RESUMO

Com tantos aspectos culturais, sociais e espaciais o futebol pode ser estudado por diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais, inclusive pela Geografia. Considerando que estamos falando de um espaço que desde sua origem é pensado pelos e para os homens, surge a necessidade de pensarmos nas relações de gênero e no papel das mulheres dentro desse espaço. A prática do futebol foi proibida para as mulheres no Brasil durante um período de 38 anos, sendo considerada incompatível com a “natureza feminina”, a ocupação dos espaços do futebol pelas mulheres é sinônimo de luta e resistência, especialmente em um país cuja construção da imagem nacional está pautada neste esporte. As Geografias Feministas já vêm há pelo menos três décadas estudando as questões de gênero e invertendo a lógica das hegemonias na produção do espaço. Apesar disso, a relação Gênero e Futebol é um campo pouco explorado pela ciência geográfica, e tendo em vista essa lacuna, o presente trabalho abordará a presença das mulheres no futebol, mais especificamente no futebol amador de Chapecó/SC, uma cidade que, historicamente, tem forte relação com o esporte. O geógrafo Fernando Rosseto Gallego Campos, seguindo uma abordagem cultural, compreende o futebol como um *espaço de representação*, conceito de imensa importância para as análises a respeito do esporte dentro do campo da Geografia. Iremos apresentá-lo como possibilidade de apreensão do futebol, mas nossa análise seguirá as concepções da Geografia de Gênero, ligada às Geografias Feministas, que incorpora o gênero enquanto uma representação social, tendo o espaço como parte fundamental no seu processo de construção e desconstrução. Partindo de uma metodologia qualitativa, com base teórico-metodológica das Geografias Feministas, com contribuições de autoras como as geógrafas Joseli Silva e Doreen Massey, a historiadora Joan Scott e a socióloga Judith Butler, na realização de sete entrevistas semiestruturadas e no método de análise de conteúdo, analisamos as vivências de mulheres que praticam o futebol amador em Chapecó/SC, buscando dar voz a elas enquanto sujeitos sociais dentro desse espaço, que também o constroem, o transformam, são produtoras de relações socioespaciais e enquanto representação social seguem na luta de reafirmar sua posição de influência na construção das práticas sociais cotidianas. Ao mesmo tempo pensando em que medida suas performances são constituídas e condicionadas por esse espaço tão intrinsecamente ligado ao dito “universo masculino”.

Palavras-chave: Gênero e Futebol; Geografia de Gênero; Geografias Feministas; espaço de representação do futebol; futebol amador feminino; Chapecó/SC.

ABSTRACT

With so many cultural, social and spatial aspects, football can be studied by different areas of Humanities and Social Sciences, including Geography. Considering that we are talking about a space that since its origin has been thought by and for men, there is a need to think about gender relations and the role of women within this space. The practice of soccer was banned for women in Brazil for a period of 38 years, being considered incompatible with “feminine nature”, the occupation of soccer spaces by women is synonymous of fighting and resistance, especially in a country whose national image construction is based on this sport. Feminist Geographies have been studying gender issues for at least three decades, reversing the logic of hegemonies in the production of space. Despite this, the relationship between gender and soccer is a field little explored by geographic science, and in view of this gap, the present work will address the presence of women in soccer, more specifically in amateur soccer in Chapecó/SC, a city that, historically, has a strong relationship with sport. The geographer Fernando Rossetto Gallego Campos, following a cultural approach, understands football as a space of representation, a concept of immense importance for the analysis of the sport within the field of geography. We will present it as a way of understanding football, but our analysis will follow the concepts of the Geography of Gender, linked to Feminist Geographies, that incorporates the gender as a social representation, having space as a fundamental part in its construction and deconstruction process. Starting from a qualitative methodology, with a theoretical-methodological basis of Feminist Geographies, with contributions from authors such as geographers Joseli Silva and Doreen Massey, historian Joan Scott and sociologist Judith Butler, in the accomplishment of seven semi-structured interviews and in the content analysis method, we analyzed the experiences of women who practice amateur soccer in Chapecó/SC, seeking to give voice to them as social subjects within this space, who also build it, transform it, are producers of socio-spatial relations and as a social representation, they continue in the fight to reaffirm their position of influence in the construction of everyday social practices. At the same time, thinking to what extent their performances are constituted and conditioned by this space so intrinsically linked to the so-called “masculine universe”.

Keywords: gender and soccer; Geography of Gender; Feminist Geographies; soccer representation space; female amateur soccer; Chapecó/SC.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Propaganda da Prefeitura Municipal publicada no jornal Correio do Sul em 1979.	37
Figura 2 - Fotografia da nova direção da LEC no jornal Folha d'Oeste em 1970.	38
Figura 3 - Time do Independente no jornal Folha d'Oeste em 1970.....	39
Figura 4 - Página dividida entre esportes (à direita) e coluna social (à esquerda) no jornal Folha d'Oeste de 1969.	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.....	19
Tabela 2 – Perfil das entrevistadas.....	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACF	Associação Chapecoense de Futebol
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEOM	Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina
CND	Conselho Nacional de Desportos
FCF	Federação Catarinense de Futebol
FEMALE	Associação Female Futsal/Unochapecó
LEC	Liga Esportiva de Chapecó
TRS	Teoria das Representações Sociais
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	18
1 GEOGRAFIA E GÊNERO: PARA COMPREENDER O FUTEBOL POR OUTRA PERSPECTIVA	22
1.1 NOVAS ABORDAGENS TRANSFORMANDO O MODO DE PENSAR E FAZER A CIÊNCIA GEOGRÁFICA	27
2 GEOGRAFIA E FUTEBOL: POSSIBILIDADES DE APREENSÃO DO ESPORTE NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA.....	30
3 A RELAÇÃO HISTÓRICA DE CHAPECÓ/SC COM O FUTEBOL AMADOR E A AUSÊNCIA DAS MULHERES	36
4 GÊNERO E FUTEBOL: UMA APROXIMAÇÃO A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DE MULHERES JOGADORAS DO FUTEBOL AMADOR FEMININO DE CHAPECÓ/SC	42
4.1 O PERCURSO DAS ENTREVISTAS E O PERFIL DAS JOGADORAS	44
4.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS PARTINDO DA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA DE GÊNERO	49
4.3 ANÁLISE DO CONTEÚDO	52
4.3.1 Interesse.....	52
4.3.2 Influências	55
4.3.3 Rede de relações	56
4.3.4 Ser jogadora.....	60
4.3.5 Performatividade.....	64
4.3.6 Machismos.....	67
4.3.7 O sentido do futebol	69
4.3.8 O futebol amador ideal	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS	79
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	82
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	84

INTRODUÇÃO

“Brasil, país do futebol”, um título dado ao país que nem sequer foi o fundador do esporte e apesar de movimentar milhões, ao menos se aproxima dos altos investimentos do futebol europeu. Fato é, que não se fala em cultura brasileira sem pensar no seu futebol, ele está presente no cotidiano da vida do(a)s brasileiro(a)s, nas reuniões de família no fim de semana, nos grupos de amigos, nas mídias, nas decorações de festas de aniversário, no papo de segunda com o pessoal do trabalho, enfim, mesmo quem não simpatiza acaba pertencendo a esse universo.

Essa “paixão” em comum pelo esporte e também pelos clubes, cria um sentimento de pertencimento que une pessoas de diferentes origens. Dessa maneira o futebol se apresenta como um importante elemento da identidade cultural do povo brasileiro e com essa posição de centralidade, se manifesta também nos diferentes espaços, que possuem elementos característicos que modificam a paisagem e permitem que esse fenômeno esportivo esteja ainda mais presente na vida cotidiana da população.

O geógrafo Gilmar Mascarenhas (1999) afirmou que o futebol é um importante elemento na modificação de diferentes espaços. Em Chapecó/SC percebemos que o futebol profissional movimenta a cidade em diversos aspectos: na economia, com o setor do turismo, movimentando a rede hoteleira, os bares e restaurantes, o comércio em geral; nos dias de jogos, quando as cores e símbolos da Chapecoense, clube profissional da cidade, caracterizam a paisagem, estampados nas camisetas da torcida, nas bandeiras penduradas nos carros, nos prédios e casas; no fluxo (atípico) de pessoas que congestionam as vias públicas nas aproximações do estádio; na transformação da paisagem com a presença de estruturas como o estádio “Arena Condá” que se destaca pelo simbolismo que possui para torcedore(a)s, jogadore(a)s, moradore(a)s; etc. E assim, dotado de representações, identidade, ritos e simbolismos, o futebol cria uma íntima relação com a cidade.

Cabe ressaltar que não é somente no futebol profissional que essa relação se estreita, o futebol amador está igualmente presente na cidade: em cada ginásio, campo e quadra espalhados pela cidade, seja nos bairros que compõem o perímetro urbano ou nas áreas rurais; está nos agrupamentos que surgem formados por grupos de amigos(as), colegas de trabalho, colegas de escola/faculdade, da igreja, e que se reúnem nos finais de tarde, nas noites ou nos finais de semana; até mesmo nos times, femininos e masculinos, que estão se organizando cada vez mais, adquirindo uniformes no comércio local, por exemplo; nos torneios e campeonatos,

que são muitos, e movimentam não somente a cidade, mas recebem times de toda a região. Enquanto no futebol profissional, se depende do calendário de um único clube, no amador esse movimento ocorre ao longo de todo o ano e quase todos os dias.

Apesar do caráter lúdico, da ausência de relações contratuais formais, de instituições profissionais, etc., o futebol amador também se apresenta de uma maneira que o aproxima do futebol profissional, nas regras, nas formações de times e nas competições, cada vez mais acirradas. Isso se manifesta tanto no futebol de campo quanto no futsal, mas atualmente também há uma modalidade em específico que vem se destacando no município, o chamado Futebol 7 ou Society, como também é conhecido, que ocorre no campo de grama sintética, com sete jogadores em cada time. Nos últimos três anos uma competição dessa modalidade vem ganhando destaque a ponto de se tornar a maior do Oeste Catarinense, a Copa Sicredi. Em 2022 a competição contou com a participação de 124 times, envolvendo 3 mil atletas na disputa e apesar de ser realizada em Chapecó/SC, recebe times de toda a região.

De todos esses times apenas 14 eram femininos. Destacamos esta informação, pois não a vemos como um mero acaso ou falta de interesse por parte das mulheres em comparação aos homens, formar times, participar de competições, se envolver com o esporte, exigem muito dos atletas do futebol amador, já que precisam conciliar a vida pessoa e a profissional com o esporte, pois em sua grande maioria são trabalhadore(as) de outras áreas e a prática esportiva e todo esse envolvimento são atividades para as horas vagas. Porém, para as mulheres, esse dilema é ainda mais complexo e a realidade que enfrentam é uma luta que vai além dos campos e quadras. Ser mãe, esposa, namorada, filha, dona de casa, trabalhadora ou estudante, são papéis sociais de gênero preestabelecidos historicamente em uma sociedade patriarcal. É nessa sociedade que o futebol está inserido e isso reflete no futebol amador feminino.

Em entrevista para o “Programa Ver Mais Oeste” no mês de dezembro de 2020, três jogadoras da modalidade em Chapecó/SC expuseram a realidade enfrentada por elas e suas colegas de time e dentre as questões colocadas estão: mulheres que dependem do companheiro para se deslocar até o local dos jogos; mulheres sem independência financeira, o que implica na possibilidade de pagar o horário dos jogos, de comprar os uniformes e chuteiras; a falta de suporte para cuidar dos filhos no horário dos jogos; dificuldade para encontrar patrocínios, devido ao preconceito; os péssimos horários disponíveis nos ginásios e campos, já que os melhores já são reservados para os times dos homens e o que sobra é quase inviável para muitas mulheres (informação verbal)¹.

¹ Entrevista feita pelo repórter Junior Spindula para o Programa Ver Mais Oeste, com três jogadoras do time de futebol amador feminino Nova Telha, em dezembro de 2020.

Todos os problemas supracitados expõem como o machismo estrutural reflete nesse espaço e como ele evidencia as relações de poder, as hierarquias presentes na sociedade à qual o futebol está inserido. Desta maneira, o espaço dito como igualitário e inclusivo se revela desigual, excludente e discriminatório.

Ainda durante a entrevista, as jogadoras falaram sobre a existência de mais de 100 times femininos de futebol amador na cidade de Chapecó/SC, enfrentando a mesma realidade e sem apoio do poder público (informação verbal)¹. Não sabemos se esse número é real, se os problemas expostos pelas três jogadoras refletem a realidade de toda modalidade, dentre outras nuances do cenário atual do esporte na cidade. Sendo assim, surgem alguns questionamentos que irão nos direcionar ao longo desta pesquisa: quais os principais desafios e dificuldades enfrentados atualmente pelas jogadoras no futebol amador feminino de Chapecó/SC? Em que medida isso reforça as identidades de gênero presentes nesse espaço?

Tais questionamentos vão de encontro com algumas reflexões pessoais a respeito desse espaço. Nasci e cresci em Chapecó/SC e o futebol me acompanha desde a infância quando jogava com os meninos da rua. Na adolescência participei de algumas competições com o time feminino da escola, como telespectadora assistia aos jogos da dupla Grenal com minha família e mais tarde acompanhando o time da Chapecoense, fiz parte de uma torcida organizada do clube, indo ao estádio e fazendo viagens para acompanhar os jogos. Em todas essas experiências na mesma medida em que me sentia pertencente e acolhida por todo esse “universo”, também surgiam inquietações sobre diversas situações e elementos que observava e que vivenciava, que me faziam questionar esse “pertencimento”. Como por exemplo o fato de jogarmos um campeonato escolar chamado Moleque Bom de Bola, em clara referência a um ambiente masculino, ou até mesmo quando presenciava insultos que outras mulheres sofriam nas arquibancadas do estádio, sendo chamadas de “Maria chuteira” por estarem em um estádio sozinhas e se não estavam, seus acompanhantes eram chamados de “sócios”. Nesse último exemplo, como fazia parte da organizada, os insultos não me eram direcionados diretamente, mas me afetavam como se fossem. Sabendo que estar nesse ambiente não é tarefa fácil para nós mulheres, reflito sobre como se sentem as jogadoras que seguem até hoje praticando e vivenciando intensamente esse espaço?

Dito isso, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar os desafios e desejos de mulheres que praticam o futebol amador na cidade de Chapecó/SC, pela perspectiva da Geografia de Gênero. Acompanham o objetivo geral, os seguintes objetivos específicos: investigar as manifestações do futebol amador feminino de Chapecó/SC a partir das relações entre as áreas da Geografia de Gênero e Geografia dos Esportes/Futebol; levantar as

representações presentes nas falas de jogadoras entrevistadas sobre o espaço de representação do futebol amador feminino de Chapecó/SC; compreender o papel da Geografia de Gênero nas temáticas que buscam denunciar as desigualdades de gênero.

Há muitas possibilidades de abordar o futebol na Geografia, como nas questões de desenvolvimento urbano ou análise de mudanças na paisagem por exemplo, porém a dinâmica entre futebol e gênero é um campo pouco explorado. Ao final da década de 1990, Mascarenhas (1999) já alertava para uma certa negligência nos estudos sobre os fenômenos esportivos na ciência geográfica, incluindo o futebol. Em uma breve pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, realizada em março de 2022, constatamos que não há trabalhos com a temática do futebol na Geografia que trazem a perspectiva de gênero como centralidade.

Devido à ausência de pesquisas na área de conhecimento Geografia e gênero, este trabalho procurou abordar a presença das mulheres no futebol. Ainda que o futebol feminino e a presença de mulheres na arbitragem, cargos em clubes e federações, por exemplo, estejam ganhando espaço e tenham crescido nos últimos anos, a prática e a vivência do futebol sempre foram e ainda são, em alguma medida, ligadas diretamente aos homens. Abordar os machismos que fortalecem a desigualdade de gênero e reconhecer que mulheres no futebol também são agentes nas dinâmicas socioespaciais é fundamental para a inversão da lógica das hegemonias masculinas nesse espaço e o combate às desigualdades e invisibilidades que atingem não somente as mulheres, mas todos os grupos e indivíduos que não se encaixam na heteronormatividade masculina aceita pelo futebol.

Para compreender a Geografia de Gênero, nos referenciamos em Joseli Maria Silva (2010; 2003), além disso foi importante estudar o conceito de gênero incorporado pela Geografia e para isso utilizamos como base as teorias de Joan W. Scott (2012) e Judith Butler (2018; 2003 apud RODRIGUES, 2005), que abordam o sexo e o gênero enquanto construções sociais e culturais. Ainda seguindo o referencial teórico das Geografias Feministas, as concepções da geógrafa Doreen Massey contribuíram em nossa análise. Sobre o futebol tivemos contribuições da Geografia, principalmente com a apreensão do *espaço de representação do futebol* de Fernando Rosseto Gallego Campos (2008; 2018) e do antropólogo Wagner Xavier de Camargo (2021).

A metodologia está pautada em uma abordagem qualitativa, com contribuições teórico-metodológica das Geografias Feministas e na realização de entrevistas semiestruturadas feitas com seis mulheres jogadoras do futebol amador de Chapecó/SC e uma jogadora do futebol profissional. Para análise das entrevistas utilizamos o método da Análise do Conteúdo de

Laurence Bardin (1977) e como resultado, identificamos os desafios e desejos das jogadoras e sua correlação com as questões socioespaciais do futebol amador aqui investigado.

A seguir apresentaremos o Trabalho de Conclusão de Curso, dividido em cinco seções: na Introdução trouxemos os primeiros levantamentos sobre a temática, apresentando a problemática, os objetivos gerais e específicos, a justificativa e o Percurso teórico-metodológico da pesquisa; no primeiro capítulo intitulado “Geografia e gênero: para compreender o futebol por outra perspectiva” composto também pelo subcapítulo intitulado “Novas abordagens transformando o modo de pensar e fazer a ciência geográfica”, discutimos a relação de gênero e Geografia, bem como as contribuições das Geografias Feministas para a ciência geográfica; no segundo capítulo intitulado “Geografia e futebol: possibilidades de apreensão do esporte na ciência geográfica”, apresentamos a relação entre futebol e Geografia, com algumas possibilidades de abordagem da temática; no terceiro capítulo intitulado “A relação histórica de Chapecó/SC com o futebol amador e a ausência das mulheres” abordamos a história do município com o futebol amador; no quarto capítulo intitulado “Gênero e futebol: uma aproximação a partir das vivências de mulheres jogadoras do futebol amador feminino de Chapecó/SC”, composto pelos três subcapítulos intitulados “O percurso das entrevistas e o perfil das jogadoras”, “Análise das entrevistas partindo da perspectiva da Geografia de Gênero” e “Análise do conteúdo”, apresentamos a análise da pesquisa, contextualizando a temática com o referencial teórico, especificando a etapa das entrevistas semiestruturadas e realizando a análise pela perspectiva teórico metodológica das Geografias Feministas e pela análise de conteúdo; finalizamos com as considerações finais, os referenciais teóricos e Apêndice A e B.

PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA

Flick (2009) considera a pesquisa qualitativa como mais apropriada para os estudos de gênero, levando em consideração as análises e os fenômenos que são estudados. Tal metodologia permite que os discursos dos sujeitos sejam considerados, algo que a pesquisa quantitativa acaba ignorando. Sendo assim, a presente pesquisa segue a metodologia qualitativa, partindo de uma abordagem das Geografias Feministas. O campo teórico-metodológico dessa área da Geografia é norteado por concepções e ideias que envolvem: a compreensão do conceito de gênero, como o gênero performático e o gênero enquanto representação social; a corporalidade, posicionalidade e flexibilidade na prática cotidiana da

pesquisa; a postura pluriversal do(a) pesquisador(a); e a interseccionalidade na prática das pesquisas geográficas feministas.²

A pesquisa está organizada em seis passos: a pesquisa exploratória no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES; a pesquisa bibliográfica; a pesquisa exploratória para identificar e localizar os times e as jogadoras; a entrevista semiestruturada; o levantamento de informações sobre o futebol amador em Chapecó/SC; e a análise dos dados coletados nas entrevistas.

A pesquisa exploratória no Catálogo de teses e Dissertações da CAPES ³foi realizada em maio de 2022, com o intuito de identificar os trabalhos realizados sobre o tema até então. Utilizamos as palavras “Geografia Futebol” em dois recortes temporais, com área conhecimento e área avaliação específicos, conforme apresentado na Tabela 1. Analisamos 500 trabalhos em cada período, isso porque nessa quantidade de teses e dissertações a plataforma mostrava títulos que fugiam da palavra-chave selecionada.

Tabela 1: Pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes

Período	Palavra-chave	Área conhecimento	Área avaliação	Teses	Dissertações
2000-2009	“GEOGRAFIA FUTEBOL”	GEOGRAFIA; GEOGRAFIA REGIONAL	GEOGRAFIA	2	2
2010-2022	“GEOGRAFIA FUTEBOL”	GEOGRAFIA; GEOGRAFIA REGIONAL	GEOGRAFIA	9	9

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Observamos que no período entre 2000 e 2009 foram publicados quatro trabalhos: duas teses e duas dissertações; já a partir de 2010 até 2022 foram 18 trabalhos encontrados: nove teses e nove dissertações, totalizando 22 pesquisas na área. É importante ressaltar que nesse segundo recorte temporal ocorreu a Copa do Mundo de Futebol da Fifa 2014. No entanto, nenhuma das teses e dissertações traz a perspectiva de gênero como centralidade, os trabalhos estão centrados em questões de desenvolvimento urbano ou econômico, ensino de geografia e geografia cultural, porém com foco para outras problemáticas.

² Detalharemos essa base teórico-metodológica no Subcapítulo 1.1 – “NOVAS ABORDAGENS TRANSFORMANDO O MODO DE PENSAR E FAZER A CIÊNCIA GEOGRÁFICA”.

³ Plataforma disponível no link: (<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>).

Na pesquisa bibliográfica fizemos a busca, leitura e análise de materiais relacionados à geografia e gênero, à geografia e o futebol e à outras áreas das ciências humanas e sociais que contribuem com estudos de gênero e da relação do gênero com os esportes. Nessa pesquisa encontramos uma base teórica que envolve dois subcampos da ciência geográfica: a Geografia dos Esportes, voltada para a compreensão da espacialidade do esporte, aqui representado por dois geógrafos, Gilmar Mascarenhas (1999), o pioneiro dos estudos no Brasil e Fernando Rosseto Gallego Campos (2008), o qual, através do contato com seus artigos, nos introduziu no tema e nos instigou a ampliar o olhar geográfico para outras perspectivas de estudo, que não se limitam apenas a uma vertente ou outra; e a Geografia de Gênero, que compõe as denominadas Geografias Feministas, representada por Joseli Maria Silva (2010; 2003) e que, juntamente com as concepções da historiadora Joan W. Scott, da socióloga Judith Butler e do antropólogo Wagner Xavier de Camargo (2021) especialista em pesquisas sobre a relação de gênero e sexualidade nos esportes, contribuíram para analisarmos a questão central da pesquisa.

A pesquisa exploratória para identificar e localizar os times e as jogadoras foi feita pelas redes sociais, principalmente o Instagram onde encontramos e fizemos contato com alguns times.

Em seguida partimos para a etapa das entrevistas semiestruturadas, onde elaboramos um questionário ⁴ que nos serviu de base para guiar as conversas com as jogadoras e selecionamos as entrevistadas. Para isso utilizamos o método Snowball, também conhecido como Bola de Neve, uma técnica de amostragem que se constitui como uma rede, onde as participantes iniciais indicam as próximas, que por sua vez indicam outras pessoas e assim sucessivamente. O número de entrevistadas é definido quando o “ponto de saturação” é atingido, justamente no momento em que as respostas começam a se repetir. Chegamos, então, a um total de sete mulheres cisgênero, todas jogadoras do futebol amador, dentre elas há uma que seguiu a carreira profissionalmente.

Ambas as etapas anteriores estão detalhadas no Subcapítulo 4.1 sobre “O percurso das entrevistas e o perfil das jogadoras.

O levantamento de informações sobre o futebol amador em Chapecó/SC foi elaborado em conjunto com o Componente Curricular de Geografia Histórica e compõe este trabalho no Capítulo 3. Nessa etapa, em específico, utilizamos uma metodologia da Geografia Histórica onde coletamos no Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM), informações textuais e imagens fotográficas de publicações em jornais e revista dos anos de 1968, 1969,

⁴ Ver Apêndice A.

1970, 1974, 1979 e 2009, além de livros e monografias. Tais datas foram selecionadas de acordo com a disponibilidade de materiais analisados no período que o componente nos possibilitou, respeitando o fato de escolher datas anteriores e posteriores ao surgimento do time da Chapecoense. Os dados estão relacionados à forma como o futebol foi representado nos respectivos anos pela imprensa local e as fotografias, especificamente, foram utilizadas para entender que sentidos eram produzidos na estrutura social daquele período. No total foram obtidas 324 fotografias das páginas das fontes, onde selecionamos 104 matérias dos jornais/ano e revista/ano: Folha d'Oeste/1968; Folha d'Oeste/1969; Folha d'Oeste/1970; Celeiro Catarinense/1974; Correio do Sul/1979.

Já a última etapa, da análise dos dados coletados nas entrevistas, foi realizada de duas maneiras: a primeira apresentando a perspectiva da Geografia de Gênero na análise, considerando todo o aporte teórico-metodológico que citamos no início desta seção; e por fim utilizando o método de análise do conteúdo formulado por Laurence Bardin (1977).

A análise de conteúdo (Bardin, 1977), consiste em uma análise categorial. Para realizá-la, primeiramente fizemos a transcrição literal de todas as sete entrevistas, em seguida partimos para o método de análise que é dividido em: organização da análise, onde é feita a primeira leitura e as primeiras formulações de hipóteses; a codificação, onde identificamos as unidades de registro (palavras/termos/frases e seus determinados significados/sentidos), e fizemos a enumeração delas e a classificação das categorias; a categorização, onde fizemos o agrupamento das categorias de acordo com os temas de cada uma, formando as categorias temáticas; e a inferência, onde é feita a interpretação dos dados coletados, mediando as informações com a teoria.

Nesta etapa identificamos oito categorias temáticas para serem analisadas e nomeamos cada uma delas de acordo com o sentido que nos apresentava no momento de realizar a inferência: *interesse; influências; rede de relações; ser jogadora; performatividade; machismos; o sentido do futebol; o futebol amador ideal.*

1 GEOGRAFIA E GÊNERO: PARA COMPREENDER O FUTEBOL POR OUTRA PERSPECTIVA

Por muito tempo a perspectiva feminina foi desconsiderada na análise geográfica do processo de produção do espaço, ficando à margem de um olhar hegemonicamente masculino e o espaço visto como homogêneo, neutro, acaba por invisibilizar as mulheres enquanto agentes na relação socioespacial. Isso demonstra uma herança da colonialidade⁵ e uma influência da tradição geográfica⁶ que segue, até então, uma abordagem teórico-metodológica que não dá conta de comportar questões contemporâneas como as relações de gênero e que valoriza discursos de grupos dominantes na produção científica. Como destaca a geógrafa feminista Joseli Maria Silva (2010) ao se referir às suas inquietações nas formas de se fazer a ciência geográfica e ao que ela chama de Geografia hegemônica, é “[...] uma Geografia que [...] invisibiliza certos grupos sociais e mascara o poder que produz e elege os(as) sujeitos(as), temas e objetos que são considerados ‘dignos’ do discurso geográfico.” (p. 40), reconhecendo então “[...] a geografia como um saber moderno, eurocêntrico, masculino, branco e heterossexual.” (p. 41).

É com o surgimento da corrente geográfica denominada de Nova Geografia Cultural⁷, a partir de meados do século XX, que começa a se pensar em outras possibilidades dentro da ciência geográfica e elementos como as representações começam a ser considerados nas análises da espacialidade. Nesse mesmo período os movimentos feministas⁸ reaparecem com novos debates a respeito das concepções de gênero e das relações de poder que evidenciam as desigualdades, opressões e invisibilidades sofridas por determinados grupos e indivíduos, debates estes que se apresentam de forma interdisciplinar com contribuições de diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais.

⁵ “A colonialidade [...] está no conjunto de discursos, práticas e atitudes, que tem como principal objetivo a subalternização dos povos colonizados e a permanência da hegemonia da nação colonizadora” (QUIJANO, 2005 *apud* GONÇALVES; RIBEIRO, 2018, p. 4).

⁶ “A tradição geográfica em privilegiar aspectos visíveis do espaço, o apego aos dados quantitativos e aos arquivos documentais oficiais, visando atingir a neutralidade científica na geografia convencional e também a abordagem economicista da perspectiva marxista, relegou a mulher a uma invisibilidade no processo de produção do espaço, já que sustentada nesta visão científica, a geografia privilegiou os agentes e as paisagens hegemônicas e, portanto, fundadas na dominação masculina, conforme tem declarado McDowell.” (SILVA, 2003, p. 33).

⁷ A Nova Geografia Cultural será abordada com maior ênfase no capítulo seguinte.

⁸ “Os movimentos feministas ressurgem com força no mundo ocidental desenvolvido nos anos sessenta e setenta, junto com o florescimento de uma cultura contestatória, favorável à mobilização social de grupos até então marginalizados ou oprimidos.” (DA SILVA, 1998, p. 106).

É, portanto, a partir de contestações abordadas pela Nova Geografia Cultural, pelas teorias pós-colonialistas e pelo movimento feminista pós-estruturalista⁹, que a base epistemológica da ciência geográfica começa a ser contestada:

A Geografia hegemônica passou a ser interpretada quase que pelo avesso, numa perspectiva de compreender a produção de invisibilidades do discurso geográfico e procurando desvendar a perspectiva de quem formulou os conceitos-chave deste campo científico, assim como sua visão de mundo e sua posição de poder. [...] A percepção da falta de grupos sociais ou temas que estão fora do discurso hegemônico da Geografia, não mais se justificava por sua a-espacialidade ou sua inadequação como objetos deste campo científico, mas pela hegemonia de determinada forma de conceber a produção do espaço, pretensamente universal e neutra, que abafava a voz de grupos não-hegemônicos. (SILVA, 2010, p. 42).

Essa também se configura como a base para o surgimento das denominadas Geografias Feministas que buscam métodos, concepções e ideias de diferentes campos das Ciências Humanas e Sociais no intuito de superar todas as problemáticas trazidas até o momento no campo teórico-metodológico da Geografia. E assim, debates sobre gênero e sexualidade, por exemplo, começam a ser incorporados nos estudos do espaço geográfico.

Apesar dos avanços na discussão de gênero na ciência geográfica nas últimas décadas, na geografia brasileira as pesquisas ainda são recentes e sua aceitação ainda recebe resistência por parte de muitos (as) geógrafos (as).

O conceito de gênero é complexo e mexe com questões polêmicas da sociedade, principalmente relacionadas ao discurso do senso comum, influenciado pelo discurso da masculinidade hegemônica que utiliza as diferenciações do sexo como algo natural para justificar as desigualdades de gênero. A historiadora norte-americana Joan W. Scott (2012) aponta motivos pelos quais o uso da palavra gênero causa tanto desconforto para a maior parte da sociedade atualmente, para ela os significados das palavras são múltiplos e no caso do gênero, conflituosos também, “as palavras têm histórias e múltiplos usos” (p. 331). Para a autora o termo *gênero* adquiriu diferentes significados ao longo da história e a construção desse conceito o atribui hoje um “lugar de contestação” (p. 331), dentre os diversos significados o gênero revela principalmente as relações de poder sociais, a dominação masculina que determina o sentido dos discursos. Dessa forma, abordar questões de gênero provoca

⁹ A filósofa norte-americana Judith Butler aparece como uma das principais teóricas desse movimento.

sentimentos de estranheza, de provocação, justamente por seu uso contestar ideias que já estão enraizadas em uma sociedade patriarcal¹⁰.

Scott (2012) vê os debates de gênero como debates políticos e assim, como sinônimo de luta política e esse debate tem sua importância na capacidade crítica de pensar os significados do binarismo de gênero, de “homem” e “mulher”, de “masculino” e “feminino”, revelando “[...] suas contradições e instabilidades como se manifestam nas vidas daqueles que estudamos” (p. 332). O conceito de gênero para a autora não é algo estático, pelo contrário, está sempre aberto para novas interpretações e novas políticas, mas ela segue a ideia de que ele vai além de determinações biológicas, da concepção de homem e mulher ou masculino e feminino, ele é uma categoria social constituído por relações de poder que envolvem grandes estruturas e processos que moldam a sociedade, sua organização política e social. Sendo assim, o conceito de gênero revela não somente as identidades que definem homens e mulheres, mas também “[...] que visões da ordem social estão sendo contestadas, sobrepostas, resistidas e defendidas nos termos de definições masculino/feminino” (p. 347).

A filósofa Judith Butler (2018) propõe uma teoria chamada de *performatividade de gênero* formulada a partir de uma doutrina fenomenológica dos atos constitutivos que foi, de certa forma, apropriada por Simone de Beauvoir, segundo Butler (p.4), em sua célebre frase “não se nasce mulher, torna-se mulher”:

[...] a teoria fenomenológica dos “atos”, adotada por Edmund Husserl, Maurice Merleau-Ponty e George Herbert Mead, entre outros, procura explicar a maneira cotidiana pela qual agentes sociais *constituem* a realidade social por meio da linguagem, dos gestos e de todo tipo de signo social simbólico. Mesmo que a fenomenologia pareça às vezes pressupor a existência de um agente constitutivo, dotado de capacidade de escolha, anterior à linguagem (apresentada como fonte única de seus atos constitutivos), existe também um uso mais radical da doutrina da constituição que trata o agente social como *objeto*, e não como sujeito, dos atos constitutivos. (BUTLER, 2018, p. 2).

Atribuindo um sentido teatral da atuação, Butler (2018) defende o gênero enquanto constituído por atos performativos, atos corporais que são repetidos cotidianamente e assim, constroem as identidades. Como reflete a autora, “[...] o gênero, ao ser instituído pela estilização do corpo, deve ser entendido como a maneira cotidiana por meio da qual gestos corporais, movimentos e encenações de todos os tipos constituem um ‘eu’ generificado permanente” (p. 3).

¹⁰ “O patriarcado é compreendido pelas geógrafas feministas como um sistema de relações hierarquizadas no qual os seres humanos detêm poderes desiguais, com a supremacia da autoridade masculina sobre a feminina em diversos aspectos da vida social, abrangendo desde os sistemas econômicos e sistemas jurídico-institucionais até os regimes cotidianos do exercício da sexualidade.” (SILVA, 2009, p.33).

A autora entende o gênero como performático, construído social e culturalmente por meio da repetição de atos, onde o corpo generificado performa uma identidade de gênero que lhe é atribuída social e culturalmente desde o momento em que é posto em ação, seguindo normas de gênero preestabelecidas e reproduzindo gestos, atitudes, posturas que tem como referência de outros agentes corporificados.

O ato que alguém faz, o ato que alguém performa, é, em certo sentido, um ato que já estava sendo realizado antes de esse alguém entrar em cena. Assim, o gênero é um ato que já foi ensaiado, assim como o roteiro sobrevive aos atores específicos que fazem uso dele, mas depende de atores individuais para ser novamente atualizado e reproduzido como realidade. (BUTLER, 2018, p. 11).

Considerando uma maior presença de homens no futebol, ainda podemos dizer que esse esporte é “coisa de menino”? Ou os meninos são condicionados através dos atos performáticos a se apropriar do futebol, de acordo com esses referenciais masculinos?

Parte das teorias feministas atribuem um caráter natural à distinção entre sexo e gênero compreendendo o primeiro enquanto natural/biológico e o segundo como uma construção social. Infelizmente essa ideia é utilizada para justificar o discurso de que homem e mulher devem se portar da forma que condiz com sua “natureza”, contribuindo para a manutenção de preconceitos. Butler (2003 *apud* RODRIGUES, 2005) entende o sexo como “[...] também discursivo e cultural como o gênero” (p. 180) e assim, gênero e sexo são vistos como construções sociais e culturais.

Ao desnaturalizar o sexo, a filósofa desconstrói o discurso que legitima as desigualdades de gênero. Partindo dessa premissa, a autora propõe a desconstrução das identidades fixas, incluindo a utilização do conceito “mulher” como base das políticas feministas, abrindo caminho para os diferentes sujeitos e grupos sociais que também são invisibilizados pelas determinações das identidades a partir do binarismo de gênero e da heteronormatividade hegemônica. “A questão é que Butler não quer limitar os seres humanos aos gêneros masculino e feminino. Essa visão por si só, segundo ela, é heterossexual e dual e, portanto, limitadora do comportamento do ser humano [...]” (SIQUEIRA; BUSSINGUER, 2017, p. 5).

Pensar no debate das questões de gênero abre possibilidades de pensar também em novas abordagens nos estudos das relações socioespaciais e no processo de produção do espaço, área de estudo da Geografia. Isso abre caminho para pensarmos na presença das mulheres no espaço do futebol e no papel que elas exercem na sua produção e na construção das relações socioespaciais que nele se apresentam.

Assim, a teoria da performatividade é incorporada pela Geografia, por entender o gênero como uma representação social¹¹, sendo então, correlacional com os diferentes espaços vivenciados por essas performances (SILVA, 2010). Joseli Silva (2010; 2003), incorpora o gênero performático de Butler devido a sua importância para a análise geográfica, adotando “a perspectiva da construção social dos gêneros” (2010. p. 40) e compreendendo o conceito como “[...] dinâmico, que constrói e é construído pelas experiências e vivências cotidianas espaciais a partir de representações.” (2003, p. 42). A autora considera, então, o espaço como fundamental no “processo de construção/desconstrução” do gênero, já que este “[...] enquanto representação, [...] se faz nas relações humanas” (p. 44).

Gênero e sexo são aqui compreendidos como construções sociais permanentes que vão muito além da mera representação de papéis a serem desempenhados por corpos de homens e mulheres sob a hegemonia da heteronormatividade. Para adotar a expressão de Judith Butler, o gênero performático é uma representação construída em atos estilizados jamais plenamente exibida em qualquer situação, e a linearidade entre sexo, gênero e desejo é uma falácia do discurso hegemônico. Nesse sentido, o espaço é também compreendido aqui como imbricado nas performances vivenciadas cotidianamente. (SILVA, 2010, p. 40, 41).

Dessa forma é possível compreender melhor a maneira como Silva (2010) defende a utilização do conceito de gênero, dando devida importância às dimensões espacial e temporal em sua análise. Além disso, a autora ressalta que utilizar o conceito de gênero, não necessariamente significa ter que fazer uma análise comparativa entre “homens e mulheres”, apesar do caráter relacional que o conceito traz entre “universos femininos e masculinos” (p. 40), o mais importante é considerar “[...] os recortes sociais estabelecidos no processo de pesquisa [...] de forma relacional e processual na estrutura socioespacial a que pertencem.” (p. 40).

Isso nos possibilita olhar para o futebol especificamente através das vivências das jogadoras aqui selecionadas, mesmo sendo um espaço predominantemente masculino. Para isso, precisamos antes de tudo compreender as Geografias Feministas e suas metodologias, como faremos a seguir.

¹¹ A TRS tem origem no campo da psicologia social, apresentada inicialmente por Serge Moscovici. “Ela reflete sobre como os indivíduos, os grupos, os sujeitos sociais, constroem seu conhecimento a partir da sua inscrição social, cultural, etc., por um lado, e por outro, como a sociedade se dá a conhecer e constrói esse conhecimento com os indivíduos. Em suma, como interagem sujeitos e sociedade para construir a realidade, como terminam por construí-la numa estreita parceria – que, sem dúvida, passa pela comunicação.” (ARRUDA, 2013, p. 27).

1.1 NOVAS ABORDAGENS TRANSFORMANDO O MODO DE PENSAR E FAZER A CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Como citado anteriormente, Joseli Silva faz parte do movimento das Geografias Feministas que vai muito além de abordar a perspectiva de gênero, se faz na tentativa de acabar com a invisibilidade de fenômenos e grupos sociais que acabaram sendo desconsiderados da produção científica. Para Silva et al (2017), “[...] uma geografia feminista questiona conceitos e métodos que podem mascarar diferenças, desigualdades e dominações, e luta contra as universalizações.” (p. 14). No caso dos estudos das relações de gênero pelas geografias, Silva (2003) defende que são importantes por trazerem a “identidade feminina como sendo um importante agente na compreensão do espaço” (p. 35), além de assumirem “um compromisso de abordar questões de relações de poder e hierarquia que transformam em assimétricos o desenvolvimento socioespacial nas relações de gênero” (p. 35).

Para superar a questão apresentada inicialmente, de que a tradição geográfica acaba omitindo em seus estudos a abordagem da mulher enquanto sujeito social, Silva (2003) defende que sejam necessários “novos procedimentos teórico-metodológicos” para contemplar essa problemática e construir uma geografia a partir da visão feminina da ciência (p. 35). Dentre os elementos importantes nessa nova maneira de produzir a ciência geográfica, estão: a *posicionalidade* e *reflexibilidade* na prática cotidiana da pesquisa e a *interseccionalidade* (SILVA, 2010).

Silva (2010) afirma que “[...] fazer ciência é também assumir uma posição política e social” (p. 40), logo já dá indícios de que o processo investigativo não é neutro por parte do(a) pesquisador(a), pelo contrário, a *posicionalidade* de quem investiga é tão importante quanto a do(a) pesquisado(a) e é no encontro de ambas posicionalidades que o conhecimento é produzido. O geógrafo Larry Knopp (2007 *apud* SILVA, 2010) aborda a importância em considerar a experiência corporal (corporalidade) do(a) pesquisador(a) no ato investigativo, levando em consideração que sua presença é percebida por quem está sendo investigado(a) e influencia, assim, as ações destes, bem como “[...] suas emoções, desejos e percepções” (p. 50) são igualmente influenciados pelo vínculo construído nesse ato investigativo. Levando em considerações tais influências e posicionalidades, se torna necessário, para atingir o objetivo das geografias abordadas aqui, o exercício da *reflexibilidade* na prática cotidiana da pesquisa. A geógrafa Gillian Rose (1997 *apud* SILVA, 2010) defende a exigência de “[...] uma postura reflexiva da pessoa que pesquisa em relação aos seus resultados” (p. 46), já que sua posição

enquanto cientista lhe confere um poder maior na validação de suas ideias, fazendo com que tenha maior responsabilidade com os saberes produzidos. Para tanto, é necessário considerar que a realidade social que resultará da pesquisa é composta por escolhas e percepções de quem a produziu, portanto o resultado não é estático, universal e neutro. Joseli Silva (2010) afirma que:

As interações construídas entre as pessoas envolvidas no ato investigativo do tipo reflexivo geram expectativas que devem ser consideradas válidas e explicitadas, retirando o (a) sujeito (a) que investiga da proteção da invisibilidade que permeia até mesmo o estilo de escrita impessoal, muitas vezes exigida no ambiente acadêmico. (SILVA, 2010, p. 51).

A geógrafa compreende então “[...] que é do encontro de motivações pessoais que se produz o conhecimento de uma dada realidade que é sempre parcial, situacional e em permanente processo.” (p. 50).

Outro elemento fundamental para a base teórico-metodológica das práticas de pesquisa das Geografias Feministas, é a teoria da *interseccionalidade*. Essa teoria defende que o estudo das desigualdades sociais não pode ser realizado partindo somente da identidade social que está sendo investigada, já que o sujeito não tem sua vivência pautada somente em uma instância social, é a intersecção de diferentes marcadores que condiciona as experiências de cada um. Para Joseli Maria Silva e Maria das Graças Silva Nascimento Silva (2011) “[...] é preciso superar o essencialismo das identidades e criar uma análise política de suas articulações e negociações.” (p. 18). Em outras palavras:

Qualquer pessoa vivencia simultaneamente múltiplas categorias sociais como gênero, raça, religião, classe, idade, opção sexual etc. Essa concepção envolve considerar as identidades como fluidas, instáveis, complexas e em estado permanente de construção/desconstrução. As pessoas vivenciam os processos identitários ao longo da vida concreta e esta experiência contempla tempo e espaço. O termo interseccionalidade passa a ser utilizado como uma atitude metodológica de articular as diferentes categorias sociais vivenciadas pelos seres humanos e evidências que estas articulações resultam em diferentes experiências (SILVA, 2010, p. 51).

Dessa forma, “as pessoas e também suas espacialidades se realizam em um constante processo de fazer e desfazer de interseccionalidades identitárias.” (SILVA; SILVA, 2011 p. 18). Novamente as dimensões temporal e espacial aparecem como centrais, dessa vez em sua relação com a interseccionalidade, demonstrando que o conhecimento geográfico e a interseccionalidade podem contribuir mutuamente para o enriquecimento de ambos.

Esse conjunto de elementos se apresenta como um caminho teórico-metodológico pelo qual a ciência geográfica pode ser feita de maneira plural e sem ignorar os diferentes sujeitos na espacialidade, porém não deve ser visto como único caminho, pelo contrário, as Geografias

Feministas abrem portas para as contestações, mostrando que a Geografia pode e deve estar em constante transformação.

Apesar da relação gênero e futebol ser pouco explorada dentro da ciência geográfica, assim como a Geografia de Gênero vem se desenvolvendo, os estudos a respeito do futebol na Geografia também vem ganhando destaque e novas nuances nos últimos tempos. Apresentaremos a seguir algumas das possibilidades de apreensão do futebol nos estudos da Geografia, avançando para uma abordagem cultural desse espaço. Mesmo utilizando a perspectiva das Geografias Feministas em nossa análise, consideramos importante trazer esse aporte teórico da Geografia dos Esportes, já que foi através dele, mais especificamente do conceito de *espaço de representação do futebol*, que os questionamentos a respeito desta pesquisa começaram a ser elaborados.

2 GEOGRAFIA E FUTEBOL: POSSIBILIDADES DE APREENSÃO DO ESPORTE NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

O Brasil é um país que constrói parte de sua imagem nacional pautada em um esporte e se reconhece através dele, dada sua importância para a identidade cultural, social e nacional do povo brasileiro não podemos tratar o futebol somente como um fenômeno esportivo, ele ultrapassa essa barreira e nos apresenta elementos e potencialidades que vão muito além das quatro linhas.

Roberto Lobato Corrêa em sua contribuição no Prefácio do livro *Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*, do geógrafo Gilmar Mascarenhas (2014), ao discorrer sobre a importância desta obra não somente para o conhecimento acerca do esporte, mas para o conhecimento da própria história do Brasil, afirmou o seguinte, “se a geografia está em toda a parte, o futebol também está, fazendo parte dessa geografia e povoando os corações de flamenguistas, corintianos, atleticanos e colorados, para mencionar apenas algumas das tribos do futebol do Brasil” (p. 12). De fato, o futebol está presente em cada canto deste país, faz parte do cotidiano dos brasileiros(as) e mexe com os nossos sentidos, envolve paixão, sendo capaz de movimentar multidões em prol de um sentimento em comum, um sentimento de *pertencimento* que potencializa a utilização do futebol como instrumento social, político e econômico. Para exemplificar tal potencialidade, a geógrafa Odette Carvalho de Lima Seabra, em sua contribuição para a mesma obra citada aqui, aponta que o futebol serviu como meio de busca por apoio popular de políticos populistas no século XX: “[...] com a crescente importância adquirida pelo futebol, em certos momentos cruciais da história política do Brasil, o futebol foi tomado por estratégias de Estado em busca de apoio popular, como ocorreu nos anos 1970” (p. 15). Com tamanhas potencialidades, o futebol contém características que podem e devem ser exploradas pela ciência geográfica.

Mascarenhas (1999), o pioneiro nos estudos dos fenômenos esportivos pela Geografia brasileira, defende que “[...] os esportes possuem uma lógica própria de espacialização [...]” (p. 7) e que o futebol é um importante elemento na modificação de diferentes espaços, portanto possui potencial de abordagem para diferentes campos da geografia, “[...] podendo enriquecer nosso entendimento acerca da urbanização, das redes e das políticas territoriais, das identidades e representações, etc.” (p. 7). Com sua aproximação com os estudos relacionados à cidade, advindo da Geografia Urbana, a Geografia do Futebol de Mascarenhas (1999) tem como ponto central o espaço urbano. Ele não enxerga somente o futebol como espetáculo, mas como parte

de uma *indústria do entretenimento*, que movimenta diversos setores, inclusive o econômico. A presença dos estádios no espaço urbano, por exemplo, modifica a base territorial no seu entorno e valoriza a localidade onde está construído.

Como mencionado por Mascarenhas (1999), dentro das potencialidades de estudos que o futebol oferece, se manifestam características subjetivas como as identidades e representações, elementos que a Nova Geografia Cultural, desde o final da década de 1970¹², incorpora na ciência geográfica. Dessa forma o futebol também pode ser estudado através de uma perspectiva cultural, abordando a sua espacialidade por meio da noção de simbolismo, de representação, de identidade, etc. Para melhor compreensão dessa relação da Geografia com tais elementos, voltamos ao objeto de estudo de nossa ciência, o *espaço* ou *espaço geográfico*, centro das discussões acerca da relação entre o ser humano e o meio.

Conforme abordamos no capítulo anterior, a Geografia já superou a ideia da homogeneidade do espaço, compreendendo que ele é heterogêneo em sua totalidade e composto por múltiplas dimensões, e é justamente em sua multiplicidade que encontramos a riqueza de nossa disciplina. Para Castro *et al* (2016 p. 7-8) o espaço é “[...] uma dimensão fundadora do ‘ser no mundo’ [...]”, é um “real complexo” que comporta tanto o material quanto o imaterial e “[...] que se expressa em formas, conteúdos e movimentos”. Os autores abordam as dimensões material e simbólica do espaço, as apresentando como “formas-conteúdos” do encontro entre o objetivo e o subjetivo, uma “base material concreta” e as “formas simbólicas de apreendê-la”, características que consideram primordiais para a compreensão do conceito de *espaço*.

A dimensão simbólica do espaço está diretamente ligada aos significados que damos aos variados aspectos da vida, a forma como cada grupo apreende, vivencia e representa o espaço, ou seja, está ligada a cultura (CORRÊA, 2016). Segundo Corrêa (2016), “a cultura, na qual o simbólico tem enorme centralidade, está em toda parte, manifestando-se de modo diferenciado no espaço e no tempo” (p, 133) e por estar em toda parte ela é uma dimensão do espaço. Para o geógrafo, os significados são construídos e reconstruídos de maneira distinta pelos diferentes grupos em suas práticas sociais, dessa maneira ele compreende a cultura como “mapas de significados” que “[...] descrevem a diferenciação espacial dos significados” (p. 136) ou “[...] uma expressão que denota a diferenciação simbólica do espaço” (p, 137). A cultura, então, se apresenta como as diferentes maneiras de apropriação, vivência e representação do espaço nas

¹² Período que marca a renovação da geografia cultural que até então valorizava a materialidade da cultura, como os objetos e artefatos. Como aponta Roberto Lobato Corrêa (2018), essa “nova” geografia cultural “[...] emerge com forte vigor, com aportes das filosofias dos significados, do marxismo, das humanidades, reelaborando ainda a tradição saueriana [...] incorporando temas que os geógrafos de inspiração saueriana não abordavam, como os aspectos não materiais da cultura.” (p. 221).

práticas sociais de cada grupo. Esses “mapas de significados” se estabelecem em uma instância específica da espacialidade, a do *espaço vivido*.

O futebol é repleto desses simbolismos, contém ritos, mitos, representações, identidade, pode ser apreendido por diferentes significados. Seguindo essa linha, ele pode ser abordado pela perspectiva da dimensão simbólica do espaço, já que além do material, também comporta características imateriais em seu interior. Assim o faz o geógrafo Fernando Rossetto Gallego Campos (2008), que traz um viés mais específico da Geografia Cultural, mas sem a intenção de esgotar as possibilidades de análise, segue com o intuito de possibilitar uma abertura para novas e diferentes abordagens do futebol. Para ele, o futebol é muito mais do que um esporte, “[...] é também uma manifestação cultural e simbólica [...]” (p. 255), além de ser “[...] um elemento construtor de relações sociais e espaciais” (p. 254). Portanto, “[...] é preciso pensar em um conceito de espaço capaz de dar suporte a uma abordagem centrada na cultura e nas relações socioespaciais, mas que interage (e não subestime) as dimensões material e subjetiva (ideal)” (GALLEGO CAMPOS, 2008, p. 250) e nessa busca por um conceito de espaço capaz de abranger todos os elementos (materiais e subjetivos) que o esporte comporta, o autor formula uma concepção de espacialidade própria para o futebol.

Para compreender a estrutura que integra a “instância da espacialidade própria do futebol” (p. 255), Gallego Campos (2008) parte de uma premissa fundamentada pela noção de espacialidade baseada, principalmente, em Henri Lefebvre e sua teoria da produção do espaço, que é constituída por uma tríade formada por três instâncias “coexistentes e interdependentes” (p. 251): a das práticas espaciais, que compõe a dimensão do *espaço percebido*; a das representações do espaço, que faz parte da dimensão do *espaço concebido*; e a dos espaços de representação, inserida na dimensão do *espaço vivido*.

Na teoria de Lefebvre (SCHMID, 2012) o espaço é produzido socialmente pela tríade do *percebido*, *concebido* e *vivido* que se apresentam como dimensões que interagem e se complementam dialeticamente. Esta “tridimensionalidade” forma os “três momentos da produção do espaço” (p. 104): o *espaço percebido* é o momento da “produção material”; o *espaço concebido* se refere “a produção de conhecimento”; e o *espaço vivido* é justamente “a produção de significados”. O espaço então, é simultaneamente percebido, concebido e vivido, sendo expressado em “formas, conteúdo e movimento” como afirmado por Castro *et al* (2016). O corpo humano, adquire um papel central nesta teoria, é por meio do corpo, dos sentidos, da sensibilidade, etc., que o ser humano percebe, concebe e experiencia o mundo. Dessa forma, sujeitos e sociedade são ativos nesse processo de produção do espaço, sendo simultaneamente um processo individual e social, já que, nesse sentido, ao mesmo tempo que temos o “sujeito

que pensa, atua e experimenta” (p. 103), há também “o processo de produção social do pensamento, ação e experiências” (p. 103), expondo uma “rede de relações” que condiciona todo o processo (SCHMID, 2012).

Isso torna claro que o foco da teoria de Lefebvre não é o “espaço em si mesmo”, nem mesmo o ordenamento dos objetos e artefatos (materiais) “no espaço”. O espaço é para ser entendido em um sentido ativo como uma intrincada rede de relações que é produzida e reproduzida continuamente. O objeto de análise é, conseqüentemente, o processo ativo de produção que acontece no tempo. (SCHMID, 2012, p. 104).

Seguindo a tendência da Nova Geografia Cultural que considera as representações, os simbolismos na espacialidade, e da corrente da Geografia Social “[...] preocupada com a discussão das ligações entre as relações sociais e espaciais” (p. 250), a instância do *espaço vivido*, dos espaços de representação, é onde se encontra o futebol abordado por Gallego Campos (2008). Como vimos, o espaço de representação é a dimensão simbólica da espacialidade, sendo então, a base onde se estabelecem os “mapas de significados” referidos por Corrêa (2016). Lefebvre entende o *espaço vivido* como “[...] a experiência vivida do espaço. Essa dimensão significa o mundo assim como ele é experimentado pelos seres humanos na prática de sua vida cotidiana” (SCHMID, 2012, p. 102). É a dimensão em que os indivíduos e grupos apreendem o espaço, o vivenciam e o representam através de suas práticas sociais, com base em suas atividades e relações cotidianas.

Gallego Campos (2008) reúne um conjunto de definições de *espaço de representação* que nos ajudam a compreender melhor a relação do *espaço vivido* com o processo de produção do espaço: ele contém “[...] em seu interior simultaneamente, o espaço real e o espaço imaginário” (SOJA, 1996, p. 68 apud GALLEGO CAMPOS, 2008, p. 253); “[...] é um espaço vivo com ligações culturais, lócus da ação e das situações vivenciadas” (FILHO, 2003 apud GALLEGO CAMPOS, 2008, p. 253); e é através dele “[...] que se dão as experiências plenas do espaço vivido e que o ser humano se realiza como ‘pessoa total’” (SHIELDS, 1999 apud GALLEGO CAMPOS, 2008, p. 253). Todas essas atribuições remetem a uma instância da espacialidade em que se *vivencia* na prática cotidiana ambas as outras dimensões, o conjunto do “real”, da materialidade, daquilo que é captado pela *percepção*, pelos sentidos humanos, e do “imaginário”, que ainda não está concretizado, mas se *concebe* antes de tudo no âmbito do pensamento, do conhecimento.

Tendo como base a tríade dialética da produção do espaço, Fernando Gallego Campos (2008) estrutura o *espaço de representação do futebol*, adaptada de uma formulação de outro geógrafo, Gil Filho (2003 apud GALLEGO CAMPOS, 2008). O *espaço de representação do futebol* é complexo e composto pela inter-relação de um conjunto de elementos culturais, sociais

e espaciais que o estruturam e o conectam com as demais instâncias da espacialidade. O geógrafo o apresenta da seguinte maneira:

O espaço de representação do futebol é a instância da espacialidade do futebol na vida das pessoas e grupos, que têm com este uma relação cotidiana e calcada em representações sociais. É um espaço simbólico altamente articulado com as demais instâncias da espacialidade (representações do espaço e prática espacial), bem como outros universos simbólicos, capazes de produzir espaços de representação. (GALLEGO CAMPOS, 2008, p. 255).

A estrutura do espaço de representação do futebol é organizada por meio de círculos divididos em três “eixos” que se inter-relacionam: o círculo dos reinos, as categorias centrais e as categorias de mediação. O primeiro círculo é composto pelos reinos da “organização”, do “*ethos* futebolístico” e das “emoções”, que “[...] se manifestam enquanto representação social”. As categorias centrais se dividem em “relações”, “fato futebolístico” e “prática social do futebol”, que interagem com os três reinos através das categorias de mediação. Esta última é composta por quatro categorias, o “mito”, a “estruturação identitária futebolística”, o “discurso” e o “símbolo”. A relação entre todos esses elementos, culturais e sociais, é complexa e constitui o *espaço de representação do futebol* (GALLEGO CAMPOS, 2018, p. 3).

Esta estruturação pode ser aplicada seguindo duas lógicas, a lógica do futebol profissional e a lógica do futebol amador, onde os elementos se modificam e são adaptados de maneira que possam ser apreendidos por cada uma delas. Gallego Campos (2018) esclarece que não há uma divisão dicotômica no espaço de representação do futebol, o que há é uma “gama de significações simbólicas” que se distribuem entre ambas as lógicas, que possuem, segundo ele, “[...] uma prática social própria; diferentes significações ao fato futebolístico; bem como distintas relações; entre outros elementos” (p. 5). Podemos entender como a manifestação dos “mapas de significados”. Isso amplia significativamente as possibilidades de abordagens dentro deste campo de estudos e assim, o geógrafo também chega a um conceito que atende ao seu objetivo, cuja abordagem é centrada na cultura e nas relações socioespaciais, mas sem desvalorizar as outras dimensões que compõem a espacialidade, já que segundo ele “[...] este conceito privilegia elementos simbólicos, mas não desconsidera aspectos esportivos, econômicos ou de qualquer outra ordem” (GALLEGO CAMPOS, 2018, p. 11).

Aqui nos interessa a segunda lógica, que o autor chama de *espaço de representação ideal do futebol amador*, cujas características são apresentadas da seguinte forma:

[...] a lógica do futebol amador está fundamentada no lúdico, não existindo relações contratuais com instituições futebolísticas, que preveem remuneração. Esta pode existir, mas não mediante contratos com clubes, mas com empresas ou através de pagamentos informais – os *bichos*. As relações se baseiam na potência, que circula

através de uma organização calcada na centralidade subterrânea. (MAFESOLI, 2003; 2006 *apud* GALLEGO CAMPOS, 2018, p. 4).

Todas essas características atribuídas ao futebol amador, de ter um caráter lúdico, de uma organização distinta do futebol profissional, principalmente, pela ausência do vínculo institucional, pela prevalência da informalidade em casos contratuais, etc., são incorporadas por Gallego Campos (2018) na estruturação do espaço de representação ideal do futebol amador, reformulando a estrutura do espaço de representação do futebol de acordo com os elementos que melhor representam esta lógica.

Essa lógica nos remete ao cenário do futebol amador em Chapecó/SC antes do surgimento do time profissional do município. Esse esporte, historicamente, foi importantíssimo para o desenvolvimento do futebol na cidade e é essa relação que iremos abordar no capítulo subsequente.

3 A RELAÇÃO HISTÓRICA DE CHAPECÓ/SC COM O FUTEBOL AMADOR E A AUSÊNCIA DAS MULHERES

O futebol está presente na vida cotidiana da população de Chapecó/SC, isso é refletido de maneira intensa, principalmente pela relação com o futebol profissional, representado pela Associação Chapecoense de Futebol (ACF), então é comum ouvir a expressão “Chapecó respira futebol” ou “Chapecó respira a Chapecoense” por aqui. Porém, o futebol amador também é bem presente e se organiza nas mais variadas formas, seja no futebol de campo, no Society ou Futebol 7 como também é conhecido, no futsal, seja através dos times femininos e masculinos que se formam para competir em torneios, seja nos grupos de amigos(as) que se reúnem para jogar nos finais de semana, nas empresas que patrocinam e organizam os campeonatos, ou naquelas competições e amistosos organizados pelos próprios jogadores(as).

Essa relação da cidade com o futebol amador não é recente, a própria Chapecoense é o resultado da junção de dois times do futebol amador. Este fato nos levou a pensar na importância do futebol amador para o desenvolvimento do futebol no município, mas para compreender de fato tal relevância, precisamos pensar primeiro no futebol de Chapecó sem a influência do time profissional, pois esta relação é anterior ao surgimento do clube. Para isso, com base nas metodologias da Geografia Histórica¹³ que contribui para o estudo dos espaços do passado, levantamos fontes, disponibilizadas pelo Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM) e analisamos a forma como o futebol era propagado nos jornais e revista locais no período de 1968 a 1970, anterior a fundação da ACF e nos anos de 1974 e 1979, posteriores ao surgimento do clube.

Na seção anterior vimos as contribuições de Gilmar Mascarenhas para a incorporação dos estudos dos fenômenos esportivos na Geografia. Em nossa análise percebemos que os meios de comunicação locais, mesmo em tempos anteriores às concepções de Mascarenhas (1999) já compreendiam a *indústria do entretenimento* que o futebol envolve e a importância e influência do esporte na cidade e na população de Chapecó/SC. Isso se manifesta na forma como o esporte é divulgado nos jornais e revistas aqui analisados, nos assuntos relacionados a ele que são postos em destaque nas páginas esportivas, nas próprias propagandas impressas nos cantos das páginas desses jornais. Um exemplo desta última colocação pode ser visualizado na Figura 1, onde a Prefeitura Municipal utilizou de elementos textuais que remetem ao universo futebolístico a fim de promover um sentimento de ação coletiva da população chapecoense em prol do

¹³ Ver Introdução - PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.

desenvolvimento da cidade.

Figura 1 - Propaganda da Prefeitura Municipal publicada no jornal Correio do Sul em 1979.



Fonte: Acervo do CEOM (2022).

Este sentido de coletividade nos discursos relacionados ao futebol de Chapecó/SC é visto até os dias de hoje, mas agora voltado para a o time da Chapecoense, como revela Gallego Campos (2018, p. 166) ao abordar os “efeitos de sentido” inseridos no discurso referente a rápida ascensão do clube no futebol brasileiro, “percebe-se entre os diferentes atores socioespaciais um certo padrão discursivo acerca da importância do trabalho conjunto para o sucesso esportivo e administrativo obtido pelo clube nos últimos anos [...]” (p. 166) e em seguida cita algumas frases utilizadas para tal propósito, como na entrevista cedida por Sandro Pallaoro¹⁴, que sempre enfatizava dizendo que a Chapecoense se fazia “do roupeiro ao presidente” ou no próprio slogan do clube que diz “Somos mais que onze, somos Chapecoense”. Segundo Gallego Campos (2018, p. 167) esse sentimento de pertencimento por parte da população chapecoense contribui para o aumento no número de torcedores do clube. Em 1979 a produção desse sentido, através dos discursos, era destinada à uma escala um pouco maior, à cidade de Chapecó como um todo.

Esses meios de comunicação apresentam uma série de outras questões a serem

¹⁴ Presidente da Chapecoense de 2011 a 2016, ano em que foi uma das 71 vítimas fatais do acidente de avião que envolveu a delegação do clube em Medellín, na Colômbia.

levantadas, mas aqui serão abordados quatro elementos que foram detectados nos dois recortes temporais escolhidos, são eles: a relação do futebol da região Oeste Catarinense com o estado de Santa Catarina; a diferenciação entre o futebol amador e profissional; e se a figura feminina aparece, de alguma maneira, nas páginas esportivas, já que não foi encontrada menção ao futebol feminino nesses materiais.

Como já mencionado, o primeiro recorte temporal data do período anterior à fundação da Chapecoense (1973) e de acordo com as publicações, o futebol de Chapecó era muito ligado ao futebol da região Oeste e Extremo Oeste. Seguindo a linha cronológica da análise, em 1968 a Federação Catarinense de Futebol era acusada pelos colunistas de desprezar os times do Oeste, inclusive restringindo o Campeonato Catarinense da época aos clubes litorâneos. Ao longo desse período Chapecó, representado principalmente pela chamada Liga Esportiva de Chapecó (Figura 2), se consolidou como capital esportiva, já que estava sempre no centro das discussões e decisões a respeito do futebol oestino, organizando os principais campeonatos da região. Internamente, havia uma movimentação intensa de diversos times, os que mais se destacavam eram o Riograndense, Independente (Figura 3), Atlético Clube Chapecó, Tiradentes e Saic.

Figura 2 - Fotografia da nova direção da LEC no jornal Folha d'Oeste em 1970.



Fonte: Acervo do CEOM (2022).

Figura 3 - Time do Independente no jornal Folha d'Oeste em 1970.



Fonte: Acerto do CEOM (2022).

Neste período não havia uma diferenciação clara entre o futebol profissional e o futebol amador, as notícias desses times e campeonatos não traziam uma identificação clara do tipo de prática esportiva realizada, subentende-se que a modalidade que prevalecia era o semiprofissional. O esporte amador era citado desta maneira quando relacionado à outras modalidades que não o futebol, principalmente ao vôlei e basquete.

O futebol feminino não é mencionado nesse período, porém, curiosamente, a imagem das mulheres chapecoenses é propagada junto à página esportiva (Figura 4), mas exaltando a beleza das Miss, Debutantes e até mesmo elegendo a “a mais bela comerciária” da cidade.

Figura 4 - Página dividida entre esportes (à direita) e coluna social (à esquerda) no jornal Folha d'Oeste de 1969.



Fonte: Acervo do CEOM (2022).

O segundo recorte temporal já é posterior à fundação da Chapecoense, que foi resultado da junção de dois times citados anteriormente o Independente e o Atlético Clube Chapecó, no ano de 1973. A Chapecoense representa aqui a redenção de Chapecó com a FCF, pois levou o nome da cidade para todo o estado e chegou às mesmas disputas que os times da capital disputavam. Então a menção de destaque fica por conta do time da Chapecoense.

Já em seu surgimento a ideia era que a Chapecoense se tornasse o principal time da cidade, nesses materiais então a diferenciação entre o futebol amador e o profissional ficou muito mais evidente. O futebol profissional fica voltado para a Chapecoense e o Campeonato Catarinense, enquanto as demais disputas ou times locais, além do futebol de salão, serem

apresentados como amadores.

Quanto às mulheres, a única aparição de mulheres tanto textual, quanto nas fotografias, é a que está representada na Figura 1, no jornal de 1979, onde as mulheres aparecem como representantes do povo chapecoense na propaganda.

O futebol de Chapecó se desenvolveu a partir do futebol amador e sempre esteve muito ligado ao futebol da região Oeste e Extremo Oeste de Santa Catarina. Desde 1968, que é o primeiro ano analisado aqui, aparenta estar em busca por tornar a cidade como referência no esporte oestino. Como haviam muitos times com estruturas e condições parecidas, nenhum deles se destacava muito dos demais, nesse sentido não se via muita diferença entre o que seria o futebol amador e o profissional, todos eram tratados como semiprofissionais. Com a consolidação de um só clube enquanto representante da cidade a nível de estado, essa situação mudou, a Chapecoense aparece como o time que representa o futebol profissional e o Campeonato Catarinense como o campeonato desse tipo de prática, os demais já são apontados como amadores, juntamente com o futebol de salão.

Quanto às representações sociais e os agentes socioespaciais que aparecem em ambos os períodos, vemos que o futebol de Chapecó está muito ligado às organizações municipais como a LEC e que é exclusivamente um espaço destinado aos homens. Não havendo qualquer menção às mulheres na prática ou em qualquer envolvimento com o esporte.

Desde então esse cenário teve muitas transformações e a inserção das mulheres nesses espaços se mostra como uma das principais. Foi um longo caminho até chegarmos ao futebol feminino da atualidade e o qual estamos investigando na presente pesquisa. No próximo capítulo iniciaremos nossa análise de fato, mas já temos previamente a noção, de que o movimento que as nossas jogadoras estão construindo hoje, já se mostra como revolucionário para o futebol amador do município.

4 GÊNERO E FUTEBOL: UMA APROXIMAÇÃO A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DE MULHERES JOGADORAS DO FUTEBOL AMADOR FEMININO DE CHAPECÓ/SC

O futebol é um espaço que desde sua essência é pensado e organizado pelos e para os homens, sendo assim, reproduzidor das relações de poder presentes na sociedade a qual está inserido. Conforme citado na seção anterior, a prática do futebol foi proibida para as mulheres no Brasil pelo Conselho Nacional de Desportos (CND), no período entre 1941 e 1979, através do Artigo 54 do Decreto-Lei N° 3.199, de 14 de abril de 1941¹⁵ que a considerava incompatível com “as condições de sua natureza”, e reforçada no período da Ditadura Militar pela Deliberação N° 7, de 02 de agosto de 1965, cujo texto dizia o seguinte:

1. Às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto [...]. 2. Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball. (BRASIL, CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS, 1965 *apud* KOPANAKIS *et al.*)

Mesmo após o fim da proibição, ainda demorou quatro anos para o futebol feminino ser regulamentado no país. A atribuição de “natureza humana” para legitimar essa disputa de poder não é utilizada somente no esporte, ela está presente em todas as questões envolvendo gênero e sexualidade e isso reflete no discurso do senso comum, intensificando ainda mais as discriminações em relação aos grupos envolvidos.

Mascarenhas (1999), já citava as questões de gênero como possibilidade de estudo no fenômeno esportivo, especialmente no futebol brasileiro, “[...] epíteto da masculinidade bruta nacional” (CAMARGO, 2021, p. 29). Para ele a expansão da presença de mulheres no futebol e em todos os espaços que este produz, que conseqüentemente se tornam “[...] tradicionais redutos machistas do espaço urbano” (MASCARENHAS, 1999, p. 6), causa uma redefinição no uso desses espaços.

O antropólogo Wagner Xavier de Camargo (2021) aponta o futebol como “[...] um espaço discriminatório de práticas corporais” (p. 24) e mostra como as disputas entre gênero e poder definem as relações estabelecidas no esporte, marcadas por intolerância e preconceito. Ele fala desse futebol como hegemônico, onde há um “privilégio de gênero” (p. 57) e a prática

¹⁵ Art. 54 – Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país. (BRASIL, 1941).

esportiva só é aceita se praticada por aqueles que se encaixam na heteronormatividade masculina. A esse futebol hegemônico não cabe nada do “universo feminino”, ao menos nada que abale sua masculinidade e assim, o futebol praticado por mulheres acaba inferiorizado e dependente deste futebol. É por isso que existe a divisão entre futebol feminino e masculino e ao primeiro, é sempre direcionado um olhar de comparação, como se elas necessitassem constantemente atingir o nível deles. Camargo (2021) defende que não deveriam existir atribuições de gênero no futebol, já que desde sua origem as condições não são as mesmas, para o autor, o ideal seria um “futebol de mulheres” (p. 127) totalmente independente e desprendido do futebol dos homens, com suas próprias regras e competições.

Inverter a lógica do futebol hegemônico é um processo que exige, antes de tudo, uma mudança de pensamento, mas também passa pela desconstrução da lógica do binarismo de gênero que legitima o discurso do senso comum do sexo biológico que divide “homem e mulher”, “masculino e feminino” e que possibilitou, por exemplo, a proibição da prática do futebol por quase quarenta anos tendo como base argumentos relacionados à “natureza feminina”.

Judith Butler (2003 *apud* RODRIGUES, 2005; 2018) com sua teoria da *performatividade* de gênero contribui para a desconstrução dessa atribuição do sexo biológico como algo natural e do discurso que legitima a masculinidade hegemônica, ao “desnaturalizar” as categorias que justificam e estabelecem as identidades de gênero¹⁶. Como vimos, o gênero performático de Butler foi incorporado pela geografia como uma representação social (SILVA, 2010), conceito-chave para a compreensão da construção da realidade social. A representação social faz parte da estrutura que compõe o espaço de representação do futebol de Gallego Campos (2008; 2018)¹⁷ e tem papel fundamental, é através de representações sociais que “[...] esse espaço é concebido, construído, modificado e vivenciado nas relações cotidianas.” (GALLEGO CAMPOS, 2008, p. 258).

Compreender o conceito de gênero performático (BUTLER 2003 *apud* RODRIGUES, 2005; 2018) enquanto representação social (SILVA, 2010) e como parte importante na composição do espaço de representação do futebol (GALLEGO CAMPOS, 2008; 2018), nos permite inserir a presença das mulheres na prática esportiva do futebol e entender que, através de suas vivências, elas também produzem diferentes espaços e transformam as relações e práticas sociais cotidianas.

¹⁶ Ver Capítulo 2 – GEOGRAFIA E GÊNERO.

¹⁷ Ver Capítulo 3 – GEOGRAFIA E FUTEBOL.

A geógrafa feminista Doreen Massey (2017), que traz grande contribuição na desconstrução da tradicional concepção do espaço como homogêneo, ao refletir sobre o significado do “pensar geograficamente” (p. 36), nos alerta para o fato de que a mente geográfica está sob influência de um olhar hegemônico, o que dificulta a capacidade do ser humano de reconhecer as diferenças e de redirecionar a imaginação, atrelada as “[...] geografias (as geometrias do poder) através das quais o mundo é construído [...]”, para “[...] as geometrias de poder mais igualitárias através das quais poderia ser reconstruído.” (p. 37). Isso explica o motivo das mulheres ainda não ter o seu próprio futebol, como defende Camargo (2021) e seguem amarradas ao futebol hegemônico. Para Massey (2017) “[...] um verdadeiro reconhecimento da diferença requer uma total virada de mente espacial e geográfica” (p. 39).

Massey (2003 apud SANTOS, 2008) afirma que o espaço é um “produto de inter-relações”, é múltiplo e está em constante movimento, sendo assim “[...] é um encontro de múltiplas trajetórias cujo arranjo não se conforma à representação de uma superfície plana e pontual” (p. 127). Essa tríade possibilita redirecionar a imaginação para um espaço heterogêneo, com múltiplos sujeitos e com o olhar da alteridade, que enxerga o outro simplesmente como outro, reconhecendo a diferença que habita esse mesmo espaço. Como afirma a geógrafa, “o diferente e o estranho não habitam somente o distante, a margem também está no centro” (MASSEY, 2003 apud SANTOS, 2008). E assim vemos o futebol, um espaço que reforça as relações de poder presentes na sociedade, o que reflete na estrutura que compõe a espacialidade do esporte hoje em dia, mas que também pode se revelar múltiplo, heterogêneo e plural, podendo superar as desigualdades e dar visibilidade aos indivíduos e grupos que permanecem à margem do futebol hegemônico.

Com base em todo esse aporte teórico, apresentaremos neste capítulo as vivências de um grupo de mulheres jogadoras do futebol amador de Chapecó/SC, através da análise de seus relatos, coletados por meio de entrevistas.

4.1 O PERCURSO DAS ENTREVISTAS E O PERFIL DAS JOGADORAS

Para esta etapa realizamos entrevistas semiestruturadas com base em um roteiro previamente organizado com dezoito questões que se dividem em três blocos: o primeiro bloco teve como objetivo identificar o perfil da entrevistada e questões que pudessem nos ajudar a compreender melhor sua vivência nos espaços; o segundo bloco ficou voltado para a relação com o futebol, tendo como objetivo conhecer a história da jogadora no que diz respeito a sua

relação com o futebol, identificando os espaços de vivência e as relações criadas a partir dela, além de compreender o significado do esporte na sua vida cotidiana e saber se há o apoio de familiares/amigos e demais pessoas que fazem parte de sua vida; e o terceiro bloco foi organizado a fim de compreender como são as estruturas do futebol amador feminino de Chapecó/SC, se elas apresentam algumas dificuldades para as mulheres que praticam o esporte, se influenciam nos desejos das jogadoras e se há algo que possa ser melhorado.

A busca pelas entrevistadas foi realizada seguindo o método denominado *snowball*, que tem como base a indicação das próprias participantes. Inicialmente pensamos em traçar um perfil para o futebol amador feminino de Chapecó/SC, porém ao aplicar o método, percebemos que as indicações ocorreriam seguindo a rede de relações das primeiras selecionadas, além do próprio futebol amador feminino ser apreendido por diversas maneiras no município. Sendo assim, o futebol investigado foi determinado a partir do grupo que se formou de acordo com esse método e os relatos analisados, compreendidos como sendo de um grupo específico de mulheres. A seleção iniciou através das redes sociais, mais especificamente o Instagram, onde encontramos perfis de times amadores participantes de competições que estavam ocorrendo no período, o único critério estabelecido era que fizesse parte da cidade de Chapecó/SC. Entramos em contato com esses times apresentando a pesquisa, os objetivos e pedimos que o convite para a participação fosse ampliado para todas as integrantes.

Neste processo uma pessoa em específico retornou nosso contato em nome do time que demonstrou real interesse em participar, combinamos então de nos encontrarmos em um domingo no ginásio onde ocorreria um torneio em que iriam jogar. Como não havia foto no perfil da pessoa que entrou em contato, só sabíamos as cores do uniforme e o nome do time. Ao chegar no local e encontrar as jogadoras, descobrimos que a pessoa que retornou o contato, na verdade, era o técnico do time (figura masculina), namorado de uma delas, a qual havia aceitado fazer parte da entrevista. Nesse dia realizamos três entrevistas, a primeira com a jogadora indicada pelo técnico, em seguida ela nos apresentou sua irmã que também concedeu a entrevista e indicou uma terceira jogadora, do mesmo time. Estas foram as únicas entrevistas realizadas presencialmente, como o torneio que estavam participando era da modalidade de futsal, haviam poucas integrantes presentes, então as indicações subsequentes foram de mulheres que não estavam no local naquele momento. Detalhamos este primeiro contato, pois há elementos desse encontro presencial que iremos analisar com mais precisão na próxima seção.

Isso resultou em outras três entrevistas, que precisaram ser realizadas de maneira remota, via plataformas *Webex e Google Meet*, devido a duas questões: ambas as indicadas na

sequência não moram em Chapecó, são da cidade vizinha de Guatambu; e a terceira jogadora, apesar de ser da cidade, não tinha disponibilidade de horários durante o período diurno e nem nos finais de semana daquele período. Esta última é a única que joga em um time diferente das demais. É importante ressaltar que, como abordado no capítulo anterior, o futebol de Chapecó está muito ligado ao futebol da região, então mesmo tendo jogadoras que não tem residência fixa na cidade, elas se encaixam no perfil pois vivenciam o esporte nela, além de contribuir também para a compreensão da relação cidade-região atual, na perspectiva do esporte. Completando essas seis entrevistas atingimos o ponto de saturação, já que as respostas começaram a se repetir e aquelas que divergiam umas das outras estavam relacionadas ao histórico e a relação individual com o esporte.

Encontramos muita dificuldade no início desse processo, essas seis entrevistas foram realizadas ao longo de um período de 26 dias, as três primeiras no dia 12 de junho de 2022 e a última no dia 07 de julho de 2022, sendo assim, somente três entrevistas demoraram mais de vinte dias para acontecer. Isso ocorreu, pois as primeiras entrevistadas nos encaminharam mais de um contato como indicação, porém algumas delas não nos deram o retorno e outras não demonstraram interesse. Devido a isso, nesse meio tempo, continuamos tentando entrar em contato com os demais times e buscando outras jogadoras que não estavam nessa rede de relações do Instagram. Com isso, ao conversar com algumas pessoas próximas, conseguimos o contato de uma jogadora que não joga no futebol de Chapecó, mas que já participou de jogos na cidade e contém uma experiência que nos deixou com curiosidade de tomar conhecimento. Então, mesmo quando o ponto de saturação foi atingido, resolvemos realizar essa última entrevista com o intuito de investigar se havia questões que pudessem enriquecer nossa pesquisa. A resposta foi positiva e ela compõe nosso grupo composto, então, por sete mulheres cujos perfis serão apresentados a seguir.

Cumprindo com o compromisso ético de preservar a identidade das participantes, optamos por utilizar codinomes para referenciar cada jogadora. No momento da entrevista foi perguntado se elas gostariam de sugerir um nome para utilizarmos aqui, porém elas não demonstraram nenhum problema com a questão da identidade e nos deram liberdade de escolha. Devido a isso, optamos por utilizar nomes de jogadoras que já passaram ou que ainda estão na Seleção Brasileira de Futebol. Apresentaremos então o perfil de cada entrevistada¹⁸.

¹⁸ Ver Tabela 2.

Tabela 2 – Perfil das entrevistadas

Codinome	Idade	Gênero e Sexualidade	Raça	Cidade e com quem mora	Papéis sociais
Tamires	21	Mulher cisgênero / Heterossexual	Branca	Guatambu/SC esposo e filho	Esposa; mãe; trabalhadora em agroindústria; estudante de Gestão Administrativa
Marta	26	Mulher cisgênero / Heterossexual	Branca	Chapecó/SC mãe	Namorada; trabalhadora em agroindústria; estudante de Educação Física
Andressinha	22	Mulher cisgênero / Lésbica	Branca	Chapecó/SC mãe e pai	Trabalhadora em agroindústria
Cristiane	22	Mulher cisgênero / Heterossexual	Branca	Guatambu/SC mãe, pai e irmãos	Trabalhadora na área da Educação Infantil; estudante de Educação Física.
Debinha	26	Mulher cisgênero / Lésbica	Parda	Chapecó/SC mãe e pai	Trabalhadora em construtora; (formada em Administração)
Bárbara	36	Mulher cisgênero / Heterossexual	Parda	Guatambu/SC filha	Mãe; enfermeira
Formiga	27	Mulher cisgênero / Lésbica	Parda	São José do Rio Preto/SP mãe e pai	Namorada; jogadora profissional; treinadora de funcional

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

A base dos relatos de nossa pesquisa é formada, então, por seis mulheres moradoras de Chapecó/SC e Guatambu/SC, jogadoras de times amadores do futebol de Chapecó/SC. O fato de Guatambu/SC aparecer nos perfis não é mera coincidência, como observamos, três dessas mulheres trabalham em uma agroindústria, empresa essa que tem unidades em ambas as cidades, elas não especificaram em quais unidades cada uma atua, porém, essa rede de relações está ligada a isso, inclusive o ginásio em que realizamos as primeiras entrevistas, é o ginásio dessa empresa e o torneio que estava ocorrendo naquele dia foi promovido por ela. Já a sétima entrevistada, Formiga, contribuirá de duas maneiras: a primeira como um exemplo de jogadora que conseguiu seguir a carreira no futebol e traz toda sua experiência como tal, ela já jogou em times de vários cantos do Brasil, inclusive em Santa Catarina onde jogou contra times de Chapecó/SC, viajou para fora do país, onde jogou duas temporadas em Israel, além de ter passado pela Seleção Brasileira sub-17 e sub-20; em segundo, sua relação com Chapecó/SC se estreitou pois nesse meio conheceu sua atual namorada, que é moradora da cidade, então nos períodos de férias e folgas ela visita o município, onde já jogou como visitante e agora joga por lazer nesses momentos, além de frequentar outros espaços os quais também nos apresenta questões a serem levantadas, a principal delas é poder comparar a perspectiva de mulheres vindas de três cidades, uma cidade pequena¹⁹, uma cidade média²⁰ e uma cidade sede de região metropolitana²¹.

O futebol aqui abordado é o futebol amador que tem como base toda a estrutura deixada pela organização que tratamos no capítulo anterior e que antecede o desenvolvimento do futebol profissional. Ainda não há um futebol exclusivo para as mulheres, sendo então o futebol amador que é organizado por entidades locais, empresas, pessoas responsáveis pelos locais de jogos e pelos próprios times amadores, tanto masculinos, como femininos. Sendo aquele futebol que se organiza em competições, que formam times, que buscam patrocinadores e seguem as regras e estrutura, parecidas com as do futebol profissional. No caso do futebol feminino, engloba principalmente as modalidades de futsal, que também é conhecido como futebol de salão e envolve times formados por cinco jogadoras titulares cada, sendo disputados em ginásios, e o Futebol 7 ou Society, que é realizado em campo com grama sintética, contendo sete jogadoras em cada time.

¹⁹ Guatambu/SC, tem uma população estimada (2021) em 4.692 habitantes (IBGE, 2022).

²⁰ Chapecó/SC, tem uma população estimada (2021) em 227.587 habitantes (IBGE, 2022).

²¹ São José do Rio Preto/SP, tem uma população estimada (2021) em 469.173 habitantes (IBGE, 2022) e é município sede da Região Metropolitana de São José do Rio Preto, cuja criação foi aprovada em 2021 pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, 2021).

Levando em consideração que o futebol amador feminino não está distante do masculino, já que se organiza na mesma estrutura daquele praticado pelos homens, nas próximas duas seções, seguindo os procedimentos metodológicos advindos das Geografias Feministas²² e a análise de conteúdo de Laurence Bardin, buscamos dar voz a essas mulheres enquanto sujeitos sociais dentro desse espaço, que também o constroem, o transformam, são produtoras de relações socioespaciais e enquanto representação social seguem na luta de reafirmar sua posição de influência na construção das práticas sociais cotidianas. Ao mesmo tempo pensando em que medida suas performances são constituídas e condicionadas por esse espaço tão intrinsecamente ligado ao dito “universo masculino”.

4.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS PARTINDO DA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA DE GÊNERO

Iniciando pelo processo realizado nas entrevistas, como trazido por Joseli Silva (2010), o conhecimento é produzido nesse encontro composto por dois agentes, neste caso entrevistada e pesquisadora, e aqui foi realizado de duas maneiras, presencialmente e remotamente. Por esse motivo, é importante salientar que isso influencia de certa forma nos resultados aqui produzidos, primeiro por essa diferença no contato e segundo, pela inferência ser realizada pela perspectiva da pesquisadora e os conhecimentos obtidos em sua trajetória acadêmica. Dessa forma, os resultados obtidos nesta pesquisa não devem ser tratados como respostas universais e acabadas deste recorte temático, mas como uma das possibilidades de apreensão da relação entre gênero e futebol na ciência geográfica, assim como o próprio futebol amador feminino de Chapecó/SC pode ser abordado de acordo com outras perspectivas e contribuir igualmente com resultados enriquecedores. Como abordou Gillian Rose (1997 *apud* SILVA, 2010), a investigação será norteada por escolhas e percepções de quem a produziu, portanto o resultado não será neutro, universal ou estático.

O encontro presencial das três primeiras entrevistas foi realizado no local em que o fato futebolístico estava acontecendo, o que tornou esse momento particularmente enriquecedor para esta análise, já que foi possível experimentar de fato a questão da posicionalidade que nos traz a Geografia de Gênero, onde me vi inserida na prática social desse espaço. Minha presença não passou despercebida, além da mochila nas costas, diferente de todos no ambiente, estava

²² Ver Capítulo 2 – GEOGRAFIA E GÊNERO

com um caderno e uma caneta em mãos, o que rendeu alguns olhares curiosos de início, bem como afirmado por Knopp (2007 *apud* SILVA, 2010) sobre levar em consideração a corporalidade de quem está pesquisando no ato investigativo, podendo influenciar nas ações daqueles que estão sendo investigados. O torneio que estava ocorrendo era misto, com times femininos e masculinos presentes no local, além dos jogadores e jogadoras haviam muitas outras pessoas, aparentemente familiares e amigos(as). As entrevistas foram realizadas na área externa do ginásio e entre as idas e vindas das entrevistadas outras mulheres de um outro time se aproximavam e questionavam curiosas sobre o que estava acontecendo ali, dentre essas conversas perguntei se teriam interesse em participar, mas todas se esquivaram e em seguida se afastaram. Neste caso mesmo as entrevistas sendo feitas individualmente, mantendo cada encontro isolado dos demais, o ato da entrevista estava sendo observado, o que pode influenciar nas reações e respostas das entrevistadas, mas contribui com essa experiência de vivenciar o espaço que viemos investigando.

As entrevistas realizadas remotamente também tiveram suas particularidades, mas a experiência se deu mais no âmbito de outros aspectos da vida cotidiana das jogadoras, já que todas remanejeram, de certa maneira, alguma atividade diária para conceder a entrevista. Então elas ocorreram para as participantes no seu dia de folga, no horário depois do trabalho, momentos antes de ir à igreja com a família e tarde da noite, após um dia cheio. Isso nos mostra na prática um pouco do cotidiano dessas mulheres, que precisa ser conciliado com a prática esportiva.

Apesar de termos um grupo de mulheres cisgênero com uma faixa etária que em sua grande maioria varia entre os 20 e 30 anos, com exceção de Bárbara que tem 36 anos, as vivências, apesar de parecidas, não são as mesmas, as experiências e a relação com o futebol tem suas especificidades em cada uma delas. Isso ocorre porque a idade e o gênero não são os únicos marcadores sociais aos quais as jogadoras estão associadas, temos diferenças com a orientação sexual, a cor da pele, a cidade onde moram, a profissão que exercem, etc., e a articulação entre todos esses elementos constrói categorias sociais distintas para cada uma delas, o que interfere em suas experiências socioespaciais, fazendo com que suas vivências não sejam totalmente iguais.

Debinha e Marta nos dão um exemplo desta interseccionalidade, ambas mulheres cisgênero, 26 anos, não têm filhos, moram em Chapecó/SC com os pais (Marta mora somente com a mãe), o que mais as diferencia é a cor da pele e a orientação sexual. Ao serem questionadas sobre os preconceitos e discriminações no futebol para além do machismo, Marta confirmou que há preconceito, mas relatou que nunca sofreu com isso, não que tenha lembrado

no momento da entrevista, enquanto Debinha, mesmo tendo negado de imediato que tenha sofrido algumas dessas violências, acabou comentando algumas situações ao longo da entrevista. Ambas as respostas para a mesma temática foram:

Eu particularmente nunca sofri nenhum preconceito, sempre foi bem tranquilo. (Marta)

Às vezes eu me sinto um pouco desconfortável porque às vezes escuto alguns comentários do tipo “a menina gosta de menina”, no futebol né, “então ela tem que jogar mais”, “ela é diferente”. Mas a gente não é diferente, somos iguais a todo mundo e às vezes elas misturam, só pra comentar, só pra dar briga, às vezes é uma pessoa preconceituosa né. Sempre tem esses comentários também, sempre tem um apelido, “ah é a machona”, coisas do tipo. (Debinha)

Duas mulheres jogadoras do mesmo futebol, dois relatos completamente distintos, enquanto Marta atribui o termo “tranquilo” para se referir ao tema, Debinha já utiliza no início de sua fala a palavra de “desconforto”. A diferença dessas duas vivências influencia na percepção que cada uma tem desse espaço e das relações que nele ocorrem.

Apesar de Marta negar rapidamente ter sofrido ou presenciado alguma situação, ela afirmou que há preconceito relacionado às mulheres que praticam o esporte, porém não deu muitos detalhes e em seguida justificou o motivo disso, segundo ela:

No futebol e futsal sempre tem alguém com algum preconceito com a gente que joga [...] sempre vai existir o preconceito, o que a gente não pode é desanimar com isso, se a gente desanimar é o que vai gerar mais preconceito, não vai ter mais futebol/futsal feminino. Então a gente não pode deixar isso desanimar, por mais que seja um amador a gente não pode deixar de praticar o que a gente gosta.

A jogadora atribui ao preconceito um sentido de oposição a tranquilidade relatada no primeiro trecho, como se admitir ou realmente olhar para as situações de violência pudesse tirar esse sentimento, sendo motivo para desânimo. Isso será melhor analisado na análise de conteúdo, porém é necessário incluí-lo no relato de Marta, pois a primeira resposta, curta e direta, por mais que faça parte de sua percepção, de sua experiência, não condiz com todo o conteúdo de sua fala. Já Debinha, talvez por sentir na pele tais agressões, consegue identificar e detalhar com mais facilidade tais situações.

Outro ponto a ser observado é que Marta se refere ao preconceito que vem de fora para dentro, ou seja, causado por pessoas que não pertencem ao futebol amador feminino, enquanto Debinha se refere a comentários feitos também por outras jogadoras, que utilizam o preconceito

para atingir uma jogadora de time adversário a fim de desestabilizá-la de alguma maneira. A homofobia e o machismo aqui retratados, adentram os portões dos ginásios, as cercas dos campos, demonstrando que o futebol não está livre dos problemas enfrentados por esses grupos na sociedade em que vivem e onde o futebol está inserido.

A interseccionalidade exemplificada aqui se aplica as outras categorias sociais, devemos então considerar também as características específicas de cada entrevistada nos resultados obtidos pela análise de conteúdo apresentada a seguir.

4.3 ANÁLISE DO CONTEÚDO

Seguindo a metodologia de Laurence Bardin (2016)²³ apresentaremos aqui uma análise geral das entrevistas. As categorias temáticas selecionadas, apesar de serem abordadas separadamente, não estão desconectadas umas das outras, pelo contrário, elas se comunicam em sua maioria e isso contribuirá na elaboração da conclusão de nossos resultados. Dito isso, as oito categorias que aparecem em todas as entrevistas são: *interesse; influências; rede de relações; ser jogadora; performatividade; machismos; o sentido do futebol; o futebol amador ideal*.

4.3.1 Interesse

Nas duas primeiras categorias, *interesse e influências*, encontramos a relação inicial e histórica das jogadoras com o esporte. Começando pela categoria do *interesse*, todas as sete jogadoras tiveram o interesse despertado ainda na infância e é como se o futebol já estivesse, agora na vida adulta, intrincado as suas vivências, pois em algum momento dos relatos as sete utilizaram termos como “sempre joguei”, “sempre gostei”, “sempre brincando e jogando” para se referir a sua relação com o futebol.

Debinha, Marta, Bárbara e Formiga tiveram os primeiros contatos com o esporte assistindo a jogos com a família. A primeira tem como primeiras recordações os pais acordando de madrugada para assistir as partidas da seleção brasileira (masculina) na televisão, já a segunda iniciou assistindo com o pai a jogos de times (masculinos) nos campeonatos de futebol

²³ Ver Introdução – PERCURSOS TEÓRICO-MATODOLÓGICOS.

e futsal, e as duas últimas acompanhavam o pai e os irmãos em jogos amadores, onde tiveram os primeiros contatos com bola.

Os meus pais sempre foram daqueles antigos que acordavam de madrugada para assistir a seleção brasileira e eu achava bonito eles jogar e coisa, e fui brincando e jogando. (Debinha)

Foi mais assistindo, meu pai acompanhava bastante futebol e futsal, mas acho que partiu mais de mim mesmo, assistia bastante, comecei a praticar e comecei a gostar, e dali em diante não parei mais. (Marta)

A minha família é muito boleira, eu cresci dentro de um campo de futebol, meu pai era goleiro e eu e meus dois irmãos vivíamos com ele, e eu jogo desde os meus 10 anos. (Bárbara)

Olha, nós somos em três e são dois meninos e eu sempre estava junto com os meus irmãos jogando e meu pai também jogava, eu sempre ia atrás, ficava chutando a bola [...]. (Formiga)

Para as demais participantes o interesse surgiu como forma de brincadeira, jogando com os amigos. Apesar dos primeiros contatos serem únicos para cada entrevistada, todas começaram jogando com os meninos do bairro em que moravam e com os colegas de escola.

Surgiu desde a infância, eu sempre gostei e até na escola no Ensino Fundamental e no Ensino Médio as meninas não gostavam de jogar e eu jogava com os meninos, porque eu sempre gostei. (Tamires)

Desde a infância a gente jogava aqui com os amigos e amigas de perto, tinha um campo e foi dali que começou. (Cristiane)

[...] antigamente tinha um campinho em frente à minha casa aí eu jogava com os meninos, vivia ali com os meninos jogando... depois entrei na escolinha e aí foi. (Formiga)

Percebemos então, que nesse período da infância o interesse surgiu como forma de diversão, o futebol era uma brincadeira de criança. Já na adolescência, com essa prática adentrando a escola, algumas puderam participar de torneios escolares, outras entraram em escolinhas de futebol feminino, iniciando treinos e rotina de campeonatos. Nesse momento a brincadeira dá espaço para a competitividade, também é aqui que mais figuras femininas aparecem e elas começam a jogar com outras meninas.

[...] desde nova sempre brincando e jogando e foi indo, até que quando eu cheguei nos 15 anos comecei a jogar campeonatos e fui pra treino de escola e foi indo assim. (Cristiane)

Aqui em Guatambu é muito complicado jogar com meninas porque não tinha time, então a gente se reunia um pouco das meninas e um pouco dos meninos, tudo junto, de rua, o campo do vizinho, essas coisas. Quando eu fiz 15 anos começou o primeiro campeonato aqui em Guatambu feminino, que eu comecei jogar os campeonatos mesmo. Aí foi indo, aí dali eu fui pro Popiolski²⁴, escolinha que tinha em Chapecó e que hoje é a Female²⁵ [...]. Aí joguei o JASC, Jogos Abertos, Joguinhos de SC, a gente jogou vários tipos de campeonatos assim, tipo bem legal, viajava, alojamentos e tau, muito bom. (Bárbara)

Comecei a jogar com 7 anos de idade e jogava na rua, aprendi na rua mesmo, aí comecei a jogar na escola aqui perto de casa, onde eu estudava. Com 11 anos eu fui jogar o Moleque Bom de Bola, foi aí que o professor Amauri²⁶ [...] me descobriu e me convidou para jogar na Female, daí eu fui. Um ano depois ele me convidou para estudar no Lourdes Lago e eu fui também, ele veio aqui pediu para os meus pais e tudo mais. E eu fui jogando, joguei até os 17 anos, eu só não joguei para fora porque eu estourei o meu joelho. (Debinha)

Nesse momento apareceram algumas figuras importantes do futebol feminino de Chapecó e apesar de não entrarem no nosso objeto de estudo, que é o futebol amador da cidade, é importante trazer esses exemplos presentes nos relatos, pois nos mostra um pouco da base do futebol feminino no município, times como o Lourdes Lago e a Female, são referência quando o assunto é futebol e futsal, ganhando maior destaque até se comparado a times masculinos do município.

Além da diversão e da competitividade, também aparece como motivo de interesse a questão relacionada a saúde, Andressinha destacou a importância de manter a prática do futebol no seu cotidiano.

É o único exercício que eu consigo praticar durante a semana, então se eu não for jogar futebol, eu não vou ter minha prática de exercícios durante a semana. (Andressinha)

Sendo assim, os interesses podem mudar em certa medida ao longo dos anos, mas a vontade de jogar permanece desde a infância. Isso nos leva a segunda categoria, das *influências*, onde buscamos identificar o que e quem influencia nesse despertar do desejo de jogar das meninas e na permanência delas no esporte.

²⁴ Aqui optamos por manter os nomes reais das instituições, campeonatos e pessoas envolvidas no futebol feminino de Chapecó, como forma de dar o devido valor àqueles que foram os pioneiros na luta e valorização do esporte no município.

²⁵ Associação Female Futsal/Unochapecó é um time de futsal feminino do município, resultado do incentivo conjunto entre Unochapecó e Prefeitura Municipal de Chapecó.

²⁶ Amauri Giordan, professor que foi referência da base do futsal/futebol feminino no município, estando a frente dos times da escola Lourdes Lago e do time da Female por muitos anos. Em 2021 faleceu vítima da Covid-19.

4.3.2 Influências

As influências variam de entrevistada para entrevistada, mas através dos primeiros trechos da entrevista aqui destacados, podemos perceber a prevalência de figuras masculinas influentes nos primeiros contatos delas com o futebol, como o pai e os irmãos, o professor, os amigos da rua e os colegas da escola. Porém, temos algumas mulheres que também aparecem nos relatos, como podemos ver nos seguintes trechos da conversa com Marta e Tamires:

É um esporte que eu sempre gostei desde pequena, minha mãe gosta também, só não pratica, mas gosta e sempre me apoiou desde pequena (Marta)

Como tem a minha irmã que joga também e eu me espelho nela porque ela joga bem, então eu convidei ela para montar o nosso time, para a gente começar a buscar algumas meninas e montar o nosso próprio time. (Tamires)

Esses dois destaques são importantes para compreendermos a maneira como as figuras femininas surgem inicialmente nos relatos. Temos então trechos em dois períodos diferentes.

No primeiro Marta está falando ainda da sua infância, do início da sua relação com o futebol e como apontamos em recortes anteriores, o primeiro contato dela com o esporte foi com o pai assistindo a jogos em casa, mesmo assim ela deixou claro que a iniciativa de jogar partiu dela, sem influência de terceiros. Apesar do interesse ser despertado acompanhando o pai e de não citar nenhuma influência no início, aqui ela destaca a mãe como sua grande apoiadora, a palavra “apoio” não deve passar despercebida, já que conforme os papéis sociais preestabelecidos pela sociedade em que vivemos, a figura materna teria essa função do cuidado, do amparo.

No segundo relato Tamires está se referindo ao futebol amador que pratica atualmente. É interessante olharmos para o motivo da irmã ser sua principal influência, já que em outros relatos apresentados até então, quando os irmãos foram citados eles simplesmente jogavam, independente se bem ou mal e aqui a irmã tem a habilidade a seu favor. A necessidade de dizer que a irmã “joga bem” para justificar o motivo de ter ela como referência pode ter diversos significados para a entrevistada, podemos não saber o real motivo, mas pelo menos uma reflexão é possível com esse relato. Abordaremos mais essa temática nas categorias subsequentes, mas há uma necessidade de as mulheres terem que provar constantemente o seu valor, mostrar que podem e merecem ocupar esses espaços do futebol, e fazem isso através da habilidade, é como se elas fossem obrigadas a “jogar bem” para serem aceitas.

As influências, inicialmente, vêm principalmente da relação familiar, todas as entrevistadas citaram o pai, o irmão, a mãe, a irmã como figuras importantes na sua relação com o futebol. O esporte está nas suas vidas desde a infância, ao longo dos anos certamente essa relação ultrapassou o âmbito familiar e atingiu outras pessoas. Levando isso em consideração apresentamos a terceira categoria, sobre a *rede de relações*, onde buscamos compreender de que maneira as vivências dessas mulheres, até àquelas que não estão ligadas diretamente ao futebol, se conectam com esse esporte, além de nos aprofundar nas relações socioespaciais aqui presentes, na forma como essas mulheres e esse movimento do futebol amador se correlacionam na (des)construção desse espaço e de suas relações cotidianas.

4.3.3 Rede de relações

Primeiramente vamos pensar sobre o que compõe esse futebol amador que tanto falamos. Gallego Campos (2018; 2018) ²⁷ nos traz um espaço repleto de simbolismos, de elementos culturais, sociais e espaciais, além de uma lógica própria onde o lúdico prevalece. Já Camargo (2021)²⁸, apesar de não abordar o amador especificamente, nos fala de um futebol hegemônico, composto por disputas de gênero e poder, em que a masculinidade tem seus privilégios e o feminino é inferiorizado, e onde tudo aquilo que não se encaixa nos padrões de uma heteronormatividade masculina acaba sendo visto como “invasor”. Seguindo essa lógica, grupos como mulheres ou todos aqueles que pertencem a sigla LGBTQIAPN+ não se encaixariam nesses espaços do futebol e, assim como na amplitude da sociedade, são esses e essas as minorias sociais que deveriam ficar “à margem”.

O futebol amador que investigamos é um conjunto de todos esses elementos, mas para analisarmos de fato as vivências dessas mulheres precisamos olhar para ele como um espaço múltiplo, diverso, um espaço que segue sendo ocupado por diferentes sujeitos. Bem como reforçado por Massey (2003 apud SANTOS, 2008) ²⁹, que vê o espaço como um encontro de diferentes e múltiplos sujeitos, de múltiplas trajetórias, não há uma divisão milimetricamente delimitada que separa o “lugar” de cada um e cada uma que nele habita, essa “margem” também

²⁷ Ver Capítulo 3 – GEOGRAFIA E FUTEBOL.

²⁸ Ver Capítulo 4 – GÊNERO E FUTEBOL: UMA APROXIMAÇÃO A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DE MULHERES JOGADORAS DO FUTEBOL AMADOR FEMININO DE CHAPECÓ/SC.

²⁹ Ver Capítulo 4 – GÊNERO E FUTEBOL: UMA APROXIMAÇÃO A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DE MULHERES JOGADORAS DO FUTEBOL AMADOR FEMININO DE CHAPECÓ/SC.

ocupa o centro, por mais hegemônico que façam parecer, essas “minorias” também estão presentes, não somente ocupando esses espaços, mas também o construindo.

Diferentemente da abordagem das primeiras categorias, que abrangeram o esporte de maneira geral, aqui estamos falando especificamente do futebol amador que ocorre em Chapecó/SC, nesse sentido destacamos dois principais pontos a respeito dessa rede de relações, o primeiro sobre como ela se constrói aparentemente e o segundo sobre a maneira como ela se consolida.

As entrevistas foram realizadas logo após a segunda edição da Copa Sicredi, um campeonato de Futebol 7 (Society) que tem grande apoio da mídia local, contribuindo para o desenvolvimento da modalidade na região. Para disputar a Copa, muitos times foram formados, inclusive organizados por algumas de nossas entrevistadas. Das oito meninas, sete delas citaram a Copa Sicredi em algum momento da entrevista, totalizando 22 menções somente desse campeonato. Essa maneira de se organizar, montar times e buscar os campeonatos, é uma característica do futebol amador, como podemos ver nos quatro relatos a seguir:

Foi jogando ali, a gente vai conhecendo os times, as meninas vão convidando e até pelo vínculo do trabalho também, foi por aí. [...] a gente vai conhecendo mais times nos campeonatos, todo ano surgem times novos e são relações assim de amizade, a gente se encontra às vezes para fazer jantãs e essas coisas assim. (Andressinha)

Assim, eu acredito que o time começa em uma parceria, uma vai puxando a outra e assim monta o time, porque a gente era só em quatro meninas que eram amigas e gostavam de jogar bola, aí o que aconteceu, cada uma foi chamando outra amiga que joga um pouco e assim foi, e aí a gente chamou o outro time para fazer parceria porque elas também estavam em poucas meninas e como a gente queria jogar o Futebol 7 que é suíço [...]. (Tamires)

Geralmente é assim, quando você joga mais ou menos alguém te convida [risos], sempre uma leva a outra, “ah gostei daquela atleta...” e acaba levando. Daí aqui em Guatambu a gente sempre participava em Chapecó nos amistosos em salão, nós temos o nosso time aqui, então a gente ia pra Chapecó e jogava, daí esse time que eu jogo hoje me convidou né, porque quando eu machuquei meu joelho eu fui para o gol e eu me destaquei, eu tenho quatro troféu de goleira menos vasado, tenho de 2019 pra cá [...]. (Bárbara)

A gente conhece muita gente, tem convivência com mais pessoas, jogando ali um já chama o outros, precisou de gente pra compor o time já convida “vamos jogar?” “vamos...”, então aí vai da gente se relacionando com os outros e juntando tudo. (Cristiane)

Essa característica faz com que se construa uma rede de contatos própria do futebol feminino, mesmo que este esteja dentro de uma estrutura do futebol masculino. Há um ponto em comum, aquele “gostar de jogar” e que como vimos na categoria dos interesses, desperta a vontade de praticar o esporte, essa ligação é primordial na rede de relações aqui apresentadas. Identificar o interesse em comum seria um desafio, mas como essa rede ultrapassa as quatro linhas, facilita no momento de buscar novas integrantes para os times.

Andressinha nos aponta os vínculos no trabalho, ela é uma das três trabalhadoras da agroindústria, junto com Marta e Tamires, que se organizaram a partir desse contato. Tamires aborda a questão da parceria como sinônimo de time, no caso dela uma rede de amizades se ampliou e dois times se tornaram um, com o número de jogadora o suficiente para disputar os campeonatos. Já Bárbara e Cristiane, assim como Tamires, são do município de Guatambu/SC e para vermos como essa rede é abrangente, elas conseguem acompanhar e participar desse processo como todas as outras. Aqui vale ressaltar que a agroindústria em que algumas trabalham também tem sede no município de Guatambu, nesse caso Tamires se apresenta como o ponto de ligação do nosso grupo de jogadoras.

Além do “gostar”, as dificuldades também se mostram como motivação nesse movimento do futebol amador feminino, como nos apresenta Marta:

No futebol feminino a gente sempre tenta, indiferente se joga contra ou não, sempre tenta se apoiar, porque a gente sabe que é difícil e geralmente quando uma... “ah vamos montar um campeonato, vamos chamar tal time para jogar. Então é bem tranquilo. (Marta)

Então essa conexão que as une, vai muito além de um gosto em comum, ela surge também quando uma se reconhece na outra, entende suas dificuldades, já que são parecidas com as próprias. Essa conexão muitas vezes se transforma em amizade, amor, família, sentimentos que vão além de apenas colegas de time.

Na verdade, muitas das minhas amizades eu criei por causa do futebol, a [Cristiane] foi uma assim, meu Deus assim... outras aqui de Guatambu que elas falam que fui eu que ensinei elas a jogar bola, que elas aprenderam comigo. Meu Deus to me sentindo velha agora [risos]. (Bárbara)

[...]tem uma amiga minha também que ela que começou e me incentivou e a gente foi e hoje somos melhores amigas. (Cristiane)

A amizade de Bárbara e Cristiane surgiu a partir de suas vivências no futebol, nesses dois recortes ambas citam uma à outra. Além delas, todas as nossas entrevistadas apontaram o

futebol como principal vínculo nos seus círculos de amizade, até porque elas vivenciam isso desde a infância. Como nos conta Debinha quando questionada sobre as amizades que o futebol trouxe:

Isso, muitas. Meu Deus, desde o tempo que eu jogo até hoje a maioria é do futebol. (Debinha)

Já Formiga nos traz um relato sobre sua experiência jogando em times profissionais. Primeiro ela destaca que no futebol feminino não há muito essa questão do profissional, é mais parecido com um semiprofissional, parecido com o que tínhamos em Chapecó/SC antes do surgimento da Chapecoense. Então mesmo viajando e jogando para times de outros estados, de outro país, até mesmo jogando pela Seleção Brasileira, ela não estava a mercê das dificuldades, o caminho para viver o grande sonho também teve seus obstáculos. Por outro lado, esses momentos lhe possibilitaram criar novas e intensas relações.

Eu tenho bastante amizades. Eu tenho uma família, inclusive, lá de Piracicaba que me ajudou bastante quando eu tava lá e até hoje eu tenho contato, eu viajo para ver ela, é uma senhora né, toda a família dela gosta de mim, ela me considera uma filha. As amizades também, meninas que eu já joguei e até hoje converso. Em Manaus também tem uma família que eu ajudei que passava necessidade e até hoje eu tenho contato. Ai uma outra família que é de Manaus também, que me abraçou, me acolheu, ajudava a gente também lá, então até hoje eu tenho contato. Eu fico até feliz porque onde eu passei, graças a Deus eu deixei coisas boas, amizade sabe, então todos os lugares eu deixei um pouquinho da [Formiga] lá né, como se diz [risos]. As meninas que jogam eu tenho contato, as vezes não podemos nos falar muito, mas quando se vê é aquela mesma sintonia, aquela mesma conexão sabe, então é uma amizade bem boa. (Formiga)

Apesar da Formiga não estar falando do futebol de Chapecó/SC nesse trecho da entrevista, ela também vivenciou o futebol do município. Jogando para um time de Santa Catarina, ela viajava para o município para disputar alguns campeonatos, em algum desses jogos ela conheceu sua namorada, moradora de Chapecó/SC.

Eu já tinha visto ela jogar, mas ela nem sonhava, nem me conhecia, nada... e através de uma amiga em comum que jogava contra ela foi que a gente se conheceu. E agora já fazem sete anos que estamos juntas... é tempo. (Formiga)

Além das amizades e dos relacionamentos, o futebol amador também possibilita uma conexão entre as famílias das jogadoras, situações que estamos acostumados(as) a ver entre os homens, aquele “churrasquinho” no final do jogo, por exemplo, quando as mulheres

acompanham o esposo/namorado, agora são momentos que o futebol feminino também proporciona.

Até depois que a gente ganhou um torneio que tinha um porco para fazer a gente se reuniu na chácara de uma do time, com a família. Tem toda essa relação com as famílias também, porque eu vou e levo minha família, a outra guria vai e leva a família dela, então tem toda essa junção. (Tamires)

Se reunir com as famílias para desfrutar do prêmio, nada inusitado para o esporte amador, é algo que as une ainda mais. Esses momentos cotidianos e todas as questões citadas aqui contribuem para que essa rede própria que elas estão construindo, se fortaleça e se amplie. Ao mesmo tempo em que constroem essas relações dentro da mesma estrutura do futebol dos homens, elas desconstróem a hegemonia masculina que habita esses espaços. Como já abordamos, o futebol feminino é luta, é resistência, e o movimento que essas mulheres estão fazendo no futebol amador de Chapecó/SC nos mostra exatamente isso.

Seguindo com as categorias temáticas, abordaremos as próximas duas de maneira conjunta, *ser jogadora* e *performatividade*, uma relacionada aos significados e sentimentos dessas mulheres enquanto jogadoras, e a outra sobre os atos performáticos que aqui encontramos e sua ligação com as questões de gênero que estamos investigando.

4.3.4 Ser jogadora

Responder à pergunta sobre o que significa *ser jogadora*, foi diferente para cada uma das meninas, enquanto a maioria expressou com facilidade tudo o que sente em relação a isso, algumas tiveram uma certa dificuldade, Andressinha, por exemplo, não quis responder diretamente. Como falamos no início deste capítulo, percebemos que o futebol está tão ligado às vivências de cada uma, que é como se fizesse parte de suas vidas desde sempre, acreditamos que essa dificuldade inicial, de obter essa resposta, pode estar relacionado a isso, o esporte é a brincadeira, o lazer, a diversão e Andressinha pode nunca ter se visto como uma jogadora. Tamires também foi mais reservada nessa questão, apenas citou o fato de poder “buscar seu melhor” a cada jogo.

Já as demais entrevistadas conseguiram se expressar facilmente e além das palavras, vale ressaltar que havia entusiasmo em suas vozes e brilho nos olhares ao falar sobre esse sentimento de ser uma jogadora. Para Bárbara, por exemplo, se tornar uma jogadora lhe

proporcionou alegrias, entusiasmo, parafraseando suas próprias palavras, a “despertou para a vida”.

Significa muito... ah o futebol me despertou pra vida né, me tirou da rua por exemplo, porque minha família sempre foi bem humilde, a gente vem de uma criação humilde, bem pobres, então o futebol trouxe pra gente alegria, sai daquela rotina, sabe aquela ansiedade, aquele frio na barriga de quando vai começar um campeonato, quando vai ir treinar assim, meu Deus eu tinha muito disso sabe. (Bárbara)

Assim como Bárbara, Cristiane também expressou o que sente sendo uma jogadora, ela encontrou jogando a sua motivação, jogar lhe faz bem, lhe faz feliz.

Pra mim me motiva muito porque eu gosto, então pra mim assim... eu estando jogando, eu to feliz, eu to bem, eu me sinto bem, faz bem pra mim, então isso me motiva. Quando eu convido outras mulheres, eu acredito que pra nós, pra mim, como pra outras, a gente joga porque a gente gosta, faz bem. (Cristiane)

Debinha e Marta falam sobre a satisfação de serem reconhecidas como jogadoras, expressões como “muito bonito”, “muito gratificante”, “muito bom”, estão bem presentes em seus relatos. Marta ainda reflete sobre a responsabilidade de ser uma jogadora mulher, compreendendo que tal posição a pode colocar como figura de influência para crianças que a assistem.

É muito bonito, é muito gratificante pra mim chegar num ginásio ou ir jogar e as meninas me reconhecer, “aquela lá é a fulana que joga”, como você sabe me conheciam pelo meu apelido³⁰ e eu chegava nos ginásios e diziam “ó lá a [apelido] chegou” e não sei o que... e era muito bom, sabe um sentimento que não tem como explicar, que tu fazia uma coisa diferente dos outros assim, uma coisa bem feita. Hoje eu jogo só pra brincar, mas ainda acontece essas coisas. E é tão legal ouvir das pessoas, às vezes sem querer assim escutar “ó aquela lá joga bem”, “joga melhor do que eu” às vezes eu ouço os homens falando. E é tão bom. (Debinha)

Eu quando estou jogando é muito bom, para mim é meu Deus, é muito bom jogar futebol, então quando eu to jogando eu penso que vou dar o meu melhor, vou dar o exemplo para uma criança que pode estar me assistindo, uma menina, uma menina ou um guri, tanto faz. Mas eu procuro sempre incentivar, eu tenho sobrinhos que eu to sempre incentivando a jogar futebol, não que seja só futebol né, outros esportes. Mas para mim é muito gratificante poder sempre estar ajudando os outros. (Marta)

³⁰ Na conversa a autora e a entrevistada descobriram que se conheciam de campeonatos escolares que disputaram na adolescência.

E Formiga, que nesse caso nos serve como exemplo de jogadora do futebol profissional, destaca os adjetivos que reforçam a luta e a superação das mulheres no futebol, mesmo com todos os obstáculos que enfrentam, para ela ser jogadora é sinônimo de força.

Olha, tem que ter muita força pra não desistir umas horas porque é muita desvalorização, muita diferença dos salários... se fosse um pouquinho, o povo fala assim “ah a Marta com o Neymar”, nem se compara, o cara ganha milhões, em uma propagando só ele ganha um milhão, tipo é até vergonhoso o salário da gente com os caras, se fosse 1% do que os caras ganham a gente estava bem tranquila [...]. Mas uma palavra assim, forte, determinada, esforçada, porque tudo isso que eu passei, se eu parasse assim pra pensar, teria história pra contar. Passei pela seleção 17, sub 20 também. Então eu acho que se fosse pra falar assim, tem que ser muito forte viu, porque as vezes dá vontade de... porque é tanta coisa que as vezes passa, as vezes o time não ta ganhando, é tudo isso né [...]. (Formiga)

Apesar dos relatos se encontrarem, de certa forma o sentimento de ser jogadora é individual e especial para cada uma delas, mas como já vimos no Tabela 2³¹, ser jogadora no futebol amador não é o único papel social que exercem e elas trazem isso nos relatos.

Ah é correria, é faculdade, é trabalhar, é casa, então às vezes falta um pouquinho de tempo. (Andressinha)

Tenho bastante apoio familiar também. Claro que quando eu jogo todo dia ele não gosta né, mas por isso eu busco um pouco de tempo para a família também porque você não pode ficar sempre ali jogando, então como eu sou mãe, mulher, esposa..., então eu tenho que tirar tempo para tudo, não posso fazer somente uma coisa. Mas se eu pudesse... (Tamires)

Claro a gente tem muito pouco tempo, até porque a gente trabalha, não fica só nessa parte do futebol, só jogando futebol, mas ta melhorando um pouquinho. Mas falta muito ainda para chegar no objetivo que a gente busca. (Marta)

O tempo aparece como o grande desafio, principalmente nos três primeiros trechos acima destacados. Afinal, dada a responsabilidade de cada uma dessas funções, manter a melhor parte da vida delas, não é tão simples, dizemos isso pois nos próprios relatos o futebol aparece como o refúgio, Tamires inclusive admite que se pudesse escolher somente um desses papéis para desempenhar, seria o de jogadora. Cristiane também traz esse sentimento:

³¹ Tabela 2 – Perfil das entrevistadas.

[...] De estar ali e de ter uma rotina, porque tipo é trabalho e casa, então vamos para o futebol, é alguma coisa que a gente faz né. Então isso motiva a gente. (Cristiane)

Além do tempo também aparecem outros desafios, como a pressão que as mulheres enfrentam para seguir praticando, aquela cobrança que trouxemos ainda na categoria das influências, da necessidade de serem as melhores, de jogar bem.

Olha, muitas vezes a gente recebe críticas e isso é normal né, acredito que seja normal porque eu ouço críticas de muitas meninas de outros times também, então o futebol é uma coisa que você não pode errar para as pessoas de fora entende? Se você errar, pode ser as pessoas que não entendem nada de futebol, elas vão te julgar. (Tamires)

Tamires fala sobre o sentimento de não poder cometer erros, de precisar executar tudo de maneira perfeita, para ser aceita sem julgamentos nesse espaço. Para ela as críticas internas não pesam tanto quanto os julgamentos externos, daqueles que só assistem, mas ainda assim se sentem no direito de dar sua opinião.

As lesões que ocorrem no esporte amador também se tornam um obstáculo, já que não tem um acompanhamento do desempenho físico das atletas e quando se machucam precisam resolver o problema de maneira particular. Isso se mostra como um ponto que desmotiva em alguns momentos, como nos traz o relato de Cristiane:

Pra mim é na parte de eu fazer alguma coisa, um exercício né, mas na parte quando a gente se machuca que a gente pensa que é o pior. Então a gente sente ali, como eu que já tirei o ombro fora, que já machucou o pé, então com isso a gente fica triste sabe, mas depois de uns dias que a gente vê que passou a gente vai buscar de novo. Mas nesses momentos a gente fica... (Cristiane)

A parte física se mostra como obstáculo até para seguir os sonhos de infância, para Cristiane, por exemplo, as dores no joelho impossibilita jogar em times profissionais, já para Marta, o corpo de 27 anos já não disputa a bola como antes, ficando com o desempenho abaixo das meninas mais jovens.

Quando eu era mais nova eu até almejava, mas hoje não, jogo mais por diversão, por gostar mesmo. Tipo o profissional hoje já não teria mais interesse, porque agora tem o trabalho, tem os estudos, então se fosse jogar o profissional teria que mudar toda a minha vida e ir pra lá, daí você tem dor no joelho, tem isso, daí já não ajuda no profissional. (Cristiane)

Olha, desde criança eu sempre sonhei em sempre continuar jogando futebol e quando eu vim pra Chapecó eu tive um pouco mais de

oportunidade de jogar campeonatos [...]. Foi uma coisa que eu sempre sonhei e sonho ainda em jogar o profissional, não sei se com a idade vai permitir, mas vou fazer 27 anos agora e a gente sabe que é mais difícil, vem meninas novas que estão jogando muito e pra mim vai ser mais difícil, mas meu sonho é jogar profissionalmente. (Marta)

Por mais que 27 anos nos pareça uma idade jovem, no futebol não funciona dessa forma, Formiga que joga profissionalmente também falou sobre jogar somente até os 30 anos.

Sobre realizar sonhos, eu ainda quero jogar na seleção de novo, mas na adulta agora, que as de base eu já passei né, graças a Deus. E também quero conquistar mais, ir para fora do país de novo, para ter uma estrutura financeira melhor, mais um pouco, porque para fora querendo ou não é mais valorizado o salário, para estrangeiro né. Então é uma coisa que eu ainda quero muito assim, ir para a Seleção e jogar pra fora de novo mais uns dois ou três anos, daí eu vou estar com 30 né, aí penso em parar depois [risos]. (Formiga)

Percebemos que ser mulher jogadora remete a diferentes sentimentos para cada uma das meninas, é o desafio, o orgulho, a satisfação, o sonho, os obstáculos, porém também há algumas características que definem uma jogadora. Enquanto nessa categoria abordamos os sentimentos, na *performatividade* falaremos sobre aspectos físicos delas.

4.3.5 Performatividade

O futebol, como já trouxemos no início deste trabalho, é um espaço predominantemente masculino, feito pelos e para os homens, e mesmo com os avanços em relação a presença ativa de mulheres nesse espaço, ele segue sendo um espaço masculino. Butler (2018)³² na teoria da performatividade aponta os atos performáticos como de suma importância na construção dos gêneros e apesar de utilizarmos o termo “ser jogadora” na categoria anterior, pois estávamos nos referindo à forma como essas mulheres se enxergam nesse espaço, aqui compreendemos o(a) jogador(a) como algo também construído por esse meio ao qual faz parte, trazendo mais para um “se tornar jogadora”.

Como estamos falando do futebol que por mais que seja o feminino, está dentro da estrutura do futebol masculino, é comum ouvir comentários, por exemplo, a respeito da atuação das mulheres em cargos que até então eram somente dos homens, como a narração feminina em jogos masculinos, onde a maneira de narrar se assemelha muito com a forma que os

³² Ver Capítulo 1 – GEOGRAFIA E GÊNERO.

narradores mais famosos costumam fazer. Isso acontece porque as figuras de referência disponíveis até então, são masculinas, como podemos ver no trecho a seguir:

Ah futebol é vida, é paixão né. Eu tenho meus joelhos machucados, mas ta no coração, ta no sangue, eu amo futebol, acho que é porque eu já nasci ali né, nessa convivência, aqui em Guatambu todos os finais de semana tem campeonato masculino, meus irmãos jogam e a gente vai curtir lá, vai torcer, vai gritar, vai vibrar, meu Deus! (Bárbara)

Por outro lado, o corpo feminino performando em um espaço majoritariamente masculino, muitas vezes até ridicularizado.

O que mais acontece é aquelas meninas que se vestem de menino eu acho, elas sofrem bem mais do que eu. Por conta de “ah quer ser menino, então joga como menino”, daí as vezes não jogam né e sofrem bastante esse preconceito assim. [...] E a gente vê que os homens se sentem mais afetados nessa relação. Então a gente sempre vê, quando a gente vai nos torneios enfim, sempre tem esses comentários né, “quer ser macho” e não sei o que. A gente sempre escuta esses comentários. (Debinha)

Aqui também aparece, além da performatividade, a questão da interseccionalidade, já que duas mulheres presentes num mesmo espaço, vivenciam ele de maneira diferente, Debinha relatou a situação de uma outra mulher, com traços mais masculinos, pelo que percebemos e que por esse motivo recebe uma cobrança de desempenho muito maior.

Então os atos performáticos estão na maneira de vestir, na postura, no jeito de andar, no jeito de falar, todas essas características que acabam por definir os(as) jogadores(as). Debinha foi além e relatou duas situações que aparentemente não têm conexão alguma, mas se olharmos pra ambas de maneira conjunta, vemos que elas têm total relação.

Às vezes no caminhar, que eu sou meio manca e dizem que quem joga bola tem as pernas tortas, então já perguntam “você joga bola né?” “você tem jeito que joga bola”, sempre tem esses comentários... Não adianta, fica na pessoa né. (Debinha)

Quando eu fui contratada na minha empresa quase dois anos atrás, eu fui contratada porque eu jogava futebol. Agora que eu tava me lembrando. Eles queriam uma menina diferente, diferenciada, não qualquer menina vamos supor assim, eles queriam uma menina diferente que fizesse as coisas meio que um piazinho assim e quando eu falei que jogava futebol ele já me contratou, ele nem olhou meu currículo. Ele queria saber minha história de vida daí eu contei, falei “minha história é essa” e ele “então eu vou te contratar” e me contratou. Pra tu ver como influenciou. (Debinha)

No primeiro relato ela está falando da sua relação com as pessoas que não são do futebol e que mesmo sem saber se de fato ela é uma jogadora, no jeito de andar já percebem isso. No segundo momento Debinha só estava contando sobre como o futebol influencia na sua vida cotidiana e sem perceber, faz um relato importantíssimo sobre ter sido contratada por conta de suas características como jogadora, já que o ramo em que ela trabalha é o da construção³³, uma área em que predomina a atuação dos homens.

Formiga também relatou um momento que passou em Chapecó/SC. Mesmo tendo viajado por tantos lugares no Brasil e no mundo através do futebol, foi no oeste catarinense que ela recorda de ter sofrido com o machismo de maneira mais explícita:

Olha, eu mesma, eu acho que eu sofri uma vez só com isso assim, depende o lugar que vai tem pessoas que olham de olho estranho, então... eu ainda sofri pouco com isso, graças a Deus. Eu só sofri uma vez aí, aí em Chapecó inclusive, eu tava indo pra academia, mas eu tava normal de blusinha e o short de jogar bola, tênis e tau, aí o cara passou e me chamou de homem, mas na hora aquilo subiu, mas aí eu falei não né, eu não achei nada perto também pra jogar, aí ele passou com o carro e foi embora. Eu peguei e fui pra academia e fiquei pensando, nisso eu tinha acho que uns 23 ou 22 anos, pensei nossa nunca eu tinha sofrido isso, acho que 23 ou 24 anos eu tinha. Porque tipo assim, aí em vista da minha cidade é pequena, aqui é interior, mas é cidade grande né tem quase 600 mil habitantes, então é grande. Aí eu fiquei pensando, esse daí deve ser um mal amado né, porque às vezes no nervosismo né. Eu conheço meninas que já sofreram mais, mas pelo jeito de se vestir, aí tem pessoas que tem mais preconceito, que são machistas, soltam piadinhas. (Formiga)

As três as situações remetem ao impacto dos atos performáticos nas vivências dessas mulheres, não comente dentro do futebol, mas nas suas relações cotidianas. Outro ponto a ser considerado, principalmente no segundo trecho em destaque, é que mesmo sem perceber, Debinha passou por uma situação de machismo, como se ela enquanto mulher, não fosse hábil o suficiente para o cargo, somente como jogadora de futebol e com traços mais “masculinizados”. Isso nos leva à sexta categoria, dos *machismos*.

³³ Ver Tabela 2 – Perfil das entrevistadas.

4.3.6 Machismos

Falar do futebol como um espaço machista é quase que pleonasma, já que as situações que mulheres passam não somente jogando, mas nas arquibancadas, nas arbitragens, etc., são recorrentes e visíveis. Por esse motivo imaginamos que conversar sobre o machismo com nossas entrevistadas seria algo tranquilo, um assunto de fácil acesso, mas não foi isso que aconteceu. Perguntamos diretamente sobre a questão e de imediato o que percebemos foi algumas delas deixando o assunto um pouco de lado, mudando os rumos da conversa. As perguntas foram direcionadas para compreender se elas consideram o futebol como um espaço machista e a se já presenciaram ou sofreram com o machismo e/ou outros preconceitos relacionados a gênero, sexualidade, raça, etc., Andressinha, Tamires e Marta não negaram, mas também não confirmaram de imediato, expressões como “depende”, “já foi muito pior”, “antes era mais”, apareceram nas suas entrevistas. A justificativa para isso vem das próprias jogadoras:

Olha, eu acho que às vezes até as próprias mulheres se colocam nesse lugar de preconceito sabe. Da para ver pela diferença de números de jogadoras hoje, o futebol masculino tem muitos times, mais de 10, o nosso tem 6. Então às vezes o posicionamento de algumas meninas influencia para isso. A diferença eu acho que é a gente que se impõe também, então se eu vou dar bola para tudo o que vão falar, “ah porque o futebol é para menino, não sei o que, não sei o que...”, eu vou me fechar em uma caixinha né, agora se eu não ligar para isso tenho certeza que poderiam ter muito mais times hoje, não sei se tão quanto o masculino, mas poderia ter muito mais. E acho que isso vem mais da gente também se posicionar um pouco e mostrar que não tem diferença nenhuma e só depende da gente, é isso aí. (Andressinha)

Eu não frequento muito lugares como o estádio e essas coisas, mas assim, eu costumo jogar para me distrair, para relaxar sabe, então nos lugares que eu frequento acredito que não, não que eu tenha percebido sabe. (Tamires)

Sempre vai existir o preconceito o que a gente não pode é desanimar com isso, se a gente desanimar é o que vai gerar mais preconceito, não vai ter mais futebol/futsal feminino. Então a gente não pode deixar isso desanimar a gente, por mais que seja um amador, a gente não pode deixar de praticar o que a gente gosta. (Marta)

É como se admitir os machismos, os preconceitos, fosse uma forma de deslegitimar tudo que conquistaram até então, além de tirar delas o significado que o futebol possui.

Bárbara, Cristiane, Debinha e Formiga já foram mais diretas, as experiências aqui também podem influenciar nesse sentido, assim como vimos nas categorias do *interesse* e

influências, as vivências são individuais. Ainda não citamos aqui, mas Bárbara já foi árbitra federada, trabalhava para a CBF, Formiga como sabemos, é jogadora profissional, Debinha iniciou na adolescência uma carreira no futebol, não recebeu salários, mas foi convidada a estudar em uma determinada escola para jogar pelo time feminino, então são experiências que fazem mudar a percepção sobre as situações que vivem dentro do esporte.

Quando eu era árbitra de futebol [...] também por ser mulher, tudo tem preconceito. “Ah porque a mulher errou”, a gente tem que trabalhar o dobro do dobro pra provar que você é melhor do que um homem, é muito ruim sabe essa parte assim e o machismo vai seguir muito ainda pra frente [...]. Tem pessoas que acham legal, mas tem pessoas que falam né, tipo assim... por exemplo, no meu trabalho alguns colegas falam “futebol não é pra mulher”, “vocês são muito dondocas pra jogar bola”. (Bárbara)

Sim. Eu acho que sim, porque tipo tem lugares assim, não só em Chapecó que eu to direto que a gente joga, tem lugares que a mulher não é valorizada, que pro futebol da mulher tanto faz, pro homem é bem mais né. Então desmotiva a gente nessa parte. (Cristiane)

Sim, desde pequena. Como eu não tinha apoio dentro de casa por esse fato, “ah você não é homem pra jogar bola” e eu sempre escutava isso aqui em casa, o meu irmão sempre quis ser mais que eu e ele não joga a metade que eu joga, tanto é que todo mundo fala isso. E eu nunca dei bola, gostava de jogar e sei lá, ele nunca me apoiou, sempre falava para os meus pais que não era coisa de menina, não sei o que... Depois ele foi até me assistir jogar pra ver se eu jogava bem mesmo, aí até desistiu dessas ideias, hoje ele não fala mais porque ele viu que eu realmente jogava bem. (Debinha)

Novamente aparece a necessidade de as mulheres provar que sabem fazer, como se só dessa maneira sua presença nesses espaços é validada. Além do machismo, ainda tem outros preconceitos que também adentram o futebol, como nos relata Debinha:

Às vezes eu me sinto um pouco desconfortável porque às vezes escuto alguns comentários do tipo, a menina gosta de menina, no futebol né, então ela tem que jogar mais, ela é diferente. Mas a gente não é diferente, somos iguais a todo mundo e às vezes elas misturam, só pra comentar, só pra dar briga, às vezes é uma pessoa preconceituosa né... sempre tem esses comentários também. Sempre tem um apelido, “ah é a machona”, coisas do tipo. (Debinha)

Esse relato de homofobia sofrido por Debinha foi trazido de maneira muito mais sutil do que provavelmente ela tenha sentido no momento, mas como vimos, abordar essas questões, por mais que pareça, não é simples para quem está sentindo na pele tais situações.

Da mesma maneira que não é simples abordar esses assuntos, também não é fácil livrar o futebol das amarras da sociedade, o machismo estrutural está presente e não há dúvidas, porém a tal ponto que as próprias mulheres reproduzem discursos machistas. Foi o caso de Tamires, ao falar sobre a presença de figuras masculinas no futebol feminino.

A gente busca sempre colocar um técnico homem, porque acredito que como tem bastante mulheres e é um time feminino, com a presença feminina dando ordens não dá muito certo, então a gente coloca a presença de uma pessoa masculina para ter a ordem e o respeito no time. Você está perdendo, às vezes você fica estressada, fala o que não é para falar, então tem que ter sempre alguém para mandar parar e seguir a ordem. Então eu acho que todo time feminino tem a presença de alguém masculino por causa disso. (Tamires)

Seguindo tal justificativa, as mulheres não teriam capacidade para liderar, necessitando de uma presença masculina para manter a ordem. Levando em consideração a sociedade a qual esse futebol está inserido, essa é uma fala que, infelizmente, se repete em diversas outras situações em que mulheres ocupam espaços que até então não lhes pertencem. O que nos leva à penúltima categoria desta análise, *o sentido do futebol*, que aparece para inverter essa lógica sobre a quem pertence esses espaços.

4.3.7 O sentido do futebol

Questionamos as meninas sobre o que o futebol significa em suas vidas e, assim como na categoria do *ser jogadora*, as respostas envolvem os sentimentos individuais de cada uma, que de certa maneira também se conectam, formando um sentido mais amplo.

O futebol para mim é a melhor coisa porque eu amo de paixão mesmo e não abro mão por nenhum motivo, no caso se eu pudesse jogar todos os dias eu jogava de domingo a domingo e estaria sempre ali. (Tamires)

O futebol acho que me trouxe, como é que eu posso dizer... um amor diferenciado sabe que a gente, sei lá, eu não sei te explicar muito isso, porque eu gosto muito do futebol, se me convidarem pra assistir eu vou, se me convidarem pra jogar eu vou, entende, eu não me importo de gastar gasolina, por exemplo. Eu jogo uma vez por semana e quando fico sem jogar parece que falta alguma coisa e você acaba acostumando com aquela rotina. (Bárbara)

Nesta categoria percebemos que o sentido do futebol é construído na prática cotidiana e aquele sentimento de pertencimento surge nesse processo.

O futebol aparece então, como o oposto do estresse do dia a dia, é o refúgio, a diversão, o alívio, a distração, como podemos ver nos relatos de Andressinha, Tamires, Cristiane e Marta:

O futebol para mim é... como a gente tem a correria do dia a dia ali, trabalhar e estudar, é mais como um lazer mesmo. Então tipo hoje, domingo, estamos aí jogando bola, poderia estar em casa descansando né, mas é mais por lazer mesmo. (Andressinha)

Então para mim o futebol hoje é aquela parte que é relaxante, então não tem algo que desmotiva, se eu perder ou se eu ganhar vai ser sempre uma motivação para continuar [...]; (Tamires)

É porque eu gosto muito, futebol hoje pra mim é uma diversão, a gente se distrai, um alívio, tipo gosto muito sabe, futebol pra mim hoje é... (Cristiane)

Eu morei 20 anos no interior e não participava muito dos campeonatos amadores assim, mas quando eu vim para Chapecó, tem mais campeonatos amadores e aí comecei a jogar e não parei mais, porque é bom, é um Hobbie assim bem bom, que tu se distrai, ocupa a sua cabeça, é bem bom, faz amizades com todo mundo. Então isso aí é uma parte bem boa. (Marta)

Bárbara e Debinha falam de um sentimento ainda mais intenso, para elas futebol é paixão, é liberdade, é emoção, superação:

Ah futebol é vida, é paixão né. Eu tenho meus joelhos machucados, mas ta no coração, ta no sangue, eu amo futebol. (Bárbara)

Ele representa uma liberdade sabe, de poder descansar a mente jogando, brincar, representa muita coisa, uma felicidade sabe. Poder jogar sem dor já é um grande passo que eu dei na minha vida assim, porque eu sofri. (Debinha)

E para Formiga, que leva o futebol como profissão, o esporte representa sua vida, já que tudo que conquistou foi através dele, tanto a parte financeira, quando as suas relações e experiências:

Ah eu acho que tudo, as coisas que eu conquistei foi tudo do futebol então tem muita... a minha vida eu acho que é o futebol. Eu falo pra minha namorada as vezes, que eu acho que se eu parar de jogar eu ainda vou ter que brincar um pouco, se eu parar eu acho que entro em depressão [risos]. (Formiga)

Após esses relatos se torna impossível dizer que o futebol não pertence às essas mulheres, que não faz parte da natureza feminina de cada uma e de todas as outras que nele se fazem presentes. Independente de como elas chegaram até aqui, de como o futebol entrou em

suas vidas ou como iniciaram a prática esportiva, foi através do esporte que elas construíram suas trajetórias de vida e nele encontraram o seu *lugar*.

Doreen Massey (2000), abordou “O sentido global do lugar”, onde considera importante o papel das relações sociais para a construção dessa ligação, compreendendo o conceito muito mais como um “lugar de *encontro*”, do que como um espaço concreto e delimitado por fronteiras. Segundo a geógrafa, podemos imaginar os lugares como “[...] momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais, mas onde uma grande proporção dessas relações, experiências e entendimentos sociais se constroem numa escala muito maior [...]” (p. 184). Dessa maneira, esse encontro também pode ser de ideias, de vivências, aqui nós trouxemos exemplos de seis jogadoras que atuam no oeste catarinense, mas ao mesmo tempo seus relatos se conectam com os de Formiga, que está distante fisicamente, mas vivenciando o mesmo futebol hegemônico que as meninas de Chapecó/SC e Guatambu/SC.

A entrevista com a Formiga foi de extrema importância para termos alguns parâmetros de comparação e contribuiu imensamente para compreendermos as categorias anteriores, porém no último tema, sobre *o futebol amador ideal*, abordaremos especificamente o futebol amador feminino que acontece em Chapecó/SC, o qual a sétima entrevistada não participou efetivamente e por isso não temos relatos dela sobre a temática.

4.3.8 O futebol amador ideal

Apesar de concordarmos com Camargo (2021) sobre a necessidade de existir um futebol de mulheres totalmente desprendido desse futebol hegemônico, aqui iremos considerar os relatos dentro do contexto da realidade em que vivem as entrevistadas. O futebol que elas praticam é esse futebol dos homens, elas estão ocupando esse espaço, então trazemos aqui pontos e contrapontos que contribuem para pensarmos como poderia ser o futebol ideal para elas.

Através das entrevistas conseguimos compreender como esse futebol se organiza e de que maneira essa estrutura influencia e condiciona as experiências das jogadoras. Assim como é comum no esporte amador, a organização parte dos(as) próprios(as) atletas e os campeonatos que participam são, em sua maioria, os mesmos campeonatos organizados para os times masculinos, porém os times femininos se organizam de maneira independente.

Esses campeonatos são organizados por diferentes organizações, como empresas, emissoras de rádio ou televisão locais, donos de campos e ginásios, o que há em comum em

todos eles, é que se paga uma taxa de inscrição e os custos com a arbitragem. As próprias atletas, então, montam os times, buscam os patrocínios, fazem os uniformes e se estruturam financeiramente para participar das competições. O retorno pelas participações não necessariamente é um ganho financeiro e, apesar das premiações estarem melhorando a cada ano, elas relatam que os custos são significativos, sem patrocinadores seria uma grande dificuldade participar dos campeonatos.

O nosso time tem 3 ou 4 patrocinadores, então a gente vai entrar na Copa RIC, por exemplo, eles ajudam com o custo da inscrição. Gastos de gasolina, água, a gente arca a gente mesmo, tipo a jogadora vai se virar com isso. Mas a parte de inscrição eles ajudam ou caso, tipo outro torneio que a gente jogou, a gente juntou o valor da inscrição, um pouco cada uma e a gente mesmo que arcou com os custos do torneio. Depois veio a recompensa, a gente ganhou em 1º lugar, daí a gente dividiu a premiação, mas se não a maioria dos jogos que a gente entra, como a Copa Chapecó que vai ter bastante gastos, a gente procura patrocínios, porque se não dá muito gasto, tem que pagar árbitro, tem que pagar a inscrição e mais o gasto da gente ir até o jogo. Daria demais, então a gente tenta os patrocínios. (Cristiane)

Outra característica da estrutura desse futebol amador é a presença de figuras masculinas em todos os setores, desde arbitragem, organização das competições, no comando dos times e, assim como abordamos no trecho da entrevista de Tamires a respeito do impacto de uma presença masculina em cargos de liderança, para a maioria das jogadoras isso é visto de maneira naturalizada, sem ser considerado um problema aparente, já que é algo comum para elas.

No nosso time o técnico é homem, a maioria é homem, acho que todos que eu vi os técnicos são homens, daí tem os que ajudam ali também são homens, namorado de alguém, marido de alguém. Juízes também a maioria são homens, os organizadores acho que também a maioria, que estão nessa função do futebol amador feminino. (Debinha)

Apesar disso, todas destacam as desigualdades do futebol feminino em comparação ao futebol masculino, essa diferença se dá principalmente nas premiações dos campeonatos, considerando, inclusive, essa falta de incentivo como um dos motivos pelos quais encontram dificuldade em montar times com uma quantidade maior de jogadoras, já que afasta algumas as meninas do esporte.

Financeiramente eu acho que o futebol feminino é um pouquinho desvalorizado em relação ao dos homens, como as premiações, vou citar um exemplo, Copa Sicredi, homem claro deu mais times, mas era uns 3.000 reais a premiação, para mulher não, já era 2.000 reais / 1.500 reais. Eu acho que independente da premiação, independente da

quantidade que fosse, eu acho que poderia ser o mesmo, os valores. Mas enfim né, com o tempo pode ser que mude, feminino. (Marta)

Como a Copa Sicredi, é uma copa grande que o Sicredi organiza e que é uma divulgação para eles também, mas tem muita diferença. “Ah o masculino tem mais time”, beleza tem mais times, mas também a premiação é lá em cima e enquanto no feminino tem muita diferença. (Tamires)

Isso se apresenta como um desafio para elas e impacta na prática esportiva também, pois com menos adeptas no esporte elas encaram a dificuldade em montar times com mais de sete ou oito jogadoras. Sendo assim, não conseguem participar de torneios em futebol de campo, por exemplo, que necessita de onze jogadora. Por isso o que mais praticam são as modalidades do futsal e Futebol7.

Todas as jogadoras consideram o futebol feminino de Chapecó/SC bem organizado e com avanços nas questões de visibilidade, mas apontaram alguns pontos que seriam ideias para construir um futebol amador mais justo e igualitário. A própria visibilidade que é elogiada em alguns momentos, aparece como possibilidade de melhoria, juntamente com a questão da divulgação, que também são vistos como motivos que dificultam a organização dos times.

Acredito que seja bem pouco divulgado, principalmente o feminino. Até por isso que nos campeonatos não tem muito time, porque tem campeonatos que a gente só vai saber quando está acontecendo, pela falta de divulgação. Eu acho que se tivesse algo que divulgasse mais, acredito que teriam bem mais times, porque tem bastante times e muitas vezes acabam não participando por não saber. Então essa parte de divulgação é bem fraca. (Tamires)

Tipo eu sei que existe porque eu entrei nesse meio do futebol ali e fui cavocando né como se diz, a gente vai conhecendo pessoas, as pessoas vão comentando e a gente vai atrás de saber e assim, sempre conheci por convites, me convidavam, porque eu também não sabia desse futebol amador, eu não ia atrás enfim... Então tem que pesquisar, não tem uma divulgação assim [...]. (Debinha)

Eu acho que poderia ter mais divulgação do município aqui de Chapecó, claro que já ajudam um pouco, mas poderia ter mais, divulgar em outras cidades e apoiar mais, eu vejo assim que poderia ter mais apoio das comunidades. A gente vê assim, a gente vai jogar muitas vezes em bairros, que tem meninas novas muito boas, só que não tem patrocínio, elas não podem jogar porque não tem incentivo. Mas se começar a colocar mais escolinhas femininas, como aqui em Chapecó acho que tem poucas, se tiver acho que seria esse o incentivo, procurar dar mais atenção ao futebol/futsal feminino, que eu acho que já ajudaria bastante. (Marta)

Marta nos trouxe outro ponto que também foi visto como um dos principais para o desenvolvimento do futebol no município, que é o incentivo, principalmente do incentivo de políticas públicas, pois o que recebem hoje é um apoio muito maior do setor privado, com as empresas patrocinando e montando campeonatos, com as mídias de comunicação local dando espaço no rádio e na televisão.

A questão de incentivo assim não vejo muito, agora a questão de visibilidade é bem igual, tanto o campeonato que a gente jogou a visibilidade do feminino e do masculino era bem igual, passava até na TV e essas coisas assim, passava o masculino e passava o feminino da mesma forma. E de incentivo assim é pouco. (Andressinha)

Tipo tem empresas que você chega pra pedir patrocínio e eles ficam bem felizes e dão até a mais do que você pede. Já a prefeitura não ajuda com essas coisas. E os organizadores dos campeonatos geralmente é o dono do campo que promove, não é algo da prefeitura. Tipo se você for ver um campeonato municipal, sai só campo e masculino, feminino é muito pouco que sai organizado pela prefeitura. (Bárbara)

Eu acho que teriam que ter pessoas dentro da prefeitura pra poder divulgar mais e não é só divulgar quando fica campeão, quando já terminou o campeonato, é divulgar como os outros times, os campeonatos, divulgar na TV quando vai ter tal campeonato, como esse da Efapi eu nem sabia que existia e diz que vai ser um campeonato top, vai ter quase 50 times inscritos, nunca vi, gente lá de Nonoai, gente lá não sei de onde, entendeu, é uma coisa muito grande que eu não vejo sendo divulgado no Instagram, que eu não vejo no Facebook, que são os lugares que a gente mais olha né, nem na rádio e nem na TV. E eu acho que a divulgação, o marketing hoje tem que ser forte, porque a gente está só nas redes sociais, então acho que isso falta muito na nossa cidade assim, é divulgar muito mais. Eu acho que isso aí iria ajudar bastante, pegar pessoas envolvidas que possam estar divulgando, pessoas influenciadoras, para poder mostrar mais. (Debinha)

Aqui é importante considerarmos as falas de todas essas mulheres, já que são elas que vivenciam o futebol amador de Chapecó/SC diariamente, os desafios que enfrentam nos espaços desse futebol e os desejos que ainda mantém para seguir praticando o esporte. Qualquer conclusão só será válida se olharmos para esses relatos dando o devido valor para cada palavra. As entrevistas foram enriquecedoras e as trajetórias de cada jogadora são essenciais para elaborarmos as considerações finais deste trabalho, que apresentaremos a seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar o futebol e questões de gênero na Geografia é algo recente se considerarmos toda a história do pensamento geográfico e encontrar o ponto de partida não foi tarefa fácil. Inicialmente esta pesquisa foi pensada como uma forma de aproximação entre a Geografia dos Esportes, especialmente a abordagem cultural da teoria de Gallego Campo (2008) a respeito do *espaço de representação do futebol*, e as Geografias Feministas que trazem como grande contribuição pensar o espaço geográfico de maneira mais ampla e plural, considerando a diversidade de corpos que nele habitam, já que a primeira inquietação da autora ao despertar o interesse pela obra de Gallego Campos foi justamente direcionada ao papel das mulheres dentro desse espaço.

Essa inquietação nos levou a profundas reflexões a respeito da própria ciência geográfica, afinal seria este um trabalho de Cultural ou de Gênero? Em que medida essas “duas Geografias” se aproximam ou se distanciam? Ambas trazem as *representações sociais* como fundamentais no processo de construção e desconstrução das relações socioespaciais, mas seria essa ligação o suficiente para respondermos à questão aqui posta? São perguntas que permanecem em aberto, até porque para desvendá-las precisaríamos nos aprofundar em cada nuance de ambas as áreas e uma monografia seria pequena para tamanha responsabilidade.

Partimos então do objetivo de nossa pesquisa e seguimos a análise pelo viés da perspectiva das Geografias Feministas, cujo aporte teórico-metodológico nos possibilita considerar melhor as vivências das entrevistadas, enquanto mulheres, jogadoras e com todos os outros papéis sociais a elas impostos, ou seja, nos possibilita dar voz a essas mulheres. Isso não significa que o futebol fique em segundo plano, é apenas um outro olhar para esse espaço repleto de possibilidades de estudo.

O termo *vivência* que trouxemos em tantos momentos deste trabalho, nos dá o sentido de movimento. Joseli Silva (2003) em suas contribuições traz uma abordagem da mulher enquanto sujeito social, que constrói e transforma o espaço, sendo também produtora de relações socioespaciais. Vimos que a presença de mulheres no futebol é sinônimo de luta e resistência, mas ela vai muito além desse significado, é também esse movimento, é construção e reconstrução, não somente de um espaço, mas de uma lógica que inverte o ideal patriarcal que há tanto os movimentos feministas buscam romper.

Através das entrevistas percebemos que há em Chapecó/SC um movimento de mulheres no futebol amador que vem ganhando destaque nos últimos anos. Aquele jogo marcado entre

amigas após o expediente do trabalho vem tomando forma e a brincadeira divide espaço agora com a competitividade, resultando na formação de times e em uma maior busca por participação em campeonatos.

Isso movimenta o futebol amador da cidade em diversos aspectos, como por exemplo: na organização das competições, trazendo a necessidade de aumentar o valor das premiações, já que agora deve ser dividida entre o futebol masculino e feminino; nos patrocinadores (maioria empresas comerciais privadas) que utilizam a visibilidade dos times para promover o marketing próprio e agora encontram novos públicos para atingir, o que pode resultar em um impacto econômico positivo para o comércio local; se tornando referência para futebol feminino das cidades da região, que ainda não se desenvolveu a ponto de crescer como o futebol do município vem crescendo, fazendo com que times de diferentes cidades do oeste catarinense e noroeste do Rio Grande do Sul se desloquem até Chapecó/SC para participar das competições; na inserção da divulgação dos jogos nas redes de comunicação local, como emissoras de TV e rádio e perfis digitais de notícias esportivas, o que aumenta a visibilidade e conecta o esporte amador feminino com a comunidade em geral; dentre muitos outros exemplos que poderíamos citar aqui.

Esse desenvolvimento do futebol amador se apresenta como positivo em comparação a história do futebol feminino na cidade, que apesar de ter uma base forte, como é o exemplo do time da Female, não dava espaço para as jogadoras que não se destacavam, que por motivos financeiros ou de saúde não conseguiram seguir jogando profissionalmente, ou até para aquelas que simplesmente desejam praticar o esporte que tanto gostam. A Copa Sicredi se apresenta como um grande marco desse desenvolvimento, campeonato que foi muito citado pelas jogadoras e que vem se consolidando ano após ano dentro do cenário do esporte amador.

A análise do conteúdo nos mostrou que mesmo com avanços, esse não é todo o contexto do futebol amador feminino de Chapecó/SC. Através dela conseguimos identificar os desafios e os desejos de nossas atletas e podemos afirmar que as condições que a estrutura do futebol feminino apresenta para as meninas, desde a infância até a realidade atual, condicionam suas vivências no esporte.

Os principais desafios identificados são: o tempo, as lesões, a idade, os machismos e outros preconceitos, a desvalorização e a desigualdade.

O tempo é um obstáculo pessoal, pela dificuldade de manter a prática do futebol na rotina, devido a todas as outras funções que também exercem, mas também é um desafio para grupo, pela incompatibilidade de horários entre as jogadoras, o que dificulta quando precisam combinar os horários de treino, por exemplo.

As lesões aparecem como um desafio para algumas atletas já que tem jogos que exigem mais do físico delas, o que implica em um certo receio de forçar os locais lesionados.

A idade é um ponto destacado nas entrevistas por aquelas que se aproximam ou já passaram dos trinta anos de idade, que devido a isso não se permitem mais sonhar em jogar profissionalmente, pois no futebol essa faixa etária é considerada alta e a preferência é de atletas mais jovens.

Os machismos e outros preconceitos causam dois sentimentos no nosso grupo de jogadoras, para algumas é motivação, onde cada situação sofrida impulsiona o desejo de se mostrar cada vez mais presente e pertencente a esse espaço, já para outras é o oposto, o machismo é visto como grande inimigo a ponto de preferirem não falar sobre o assunto, como forma de proteger o espaço que as pertence e a qual elas pertencem. Um dos pontos onde esses preconceitos mais afetam as jogadoras, é sentir a pressão de não poder errar e precisar ser melhor sempre, o que compromete de certa maneira o sentido do futebol para elas, que de maneira geral envolve somente sentimentos bons.

A desvalorização e a desigualdade são um desafio no sentido de afastar algumas mulheres do esporte, o que compromete no momento de montar times com um número maior de jogadoras, é por isso que as modalidades mais praticadas por elas são o futsal e o futebol 7.

Conseguimos também identificar os desejos dessas mulheres tanto em relação ao futebol em geral, quanto dentro do esporte amador.

Vimos que ao longo de suas trajetórias os interesses tomaram diferentes formas, mas o que de fato permanece desde a infância e que as trouxe para o futebol amador, é a diversão, a brincadeira, aquele futebol que as fazem esquecer dos problemas cotidianos. Portanto o ponto em comum entre todas as nossas entrevistadas, é o desejo de seguir sempre jogando futebol, até o corpo aguentar. Nesse sentido o futebol amador aparece como a alternativa de manter esse desejo vivo, até para aquelas que já não se enxergam mais no futebol profissional. Além disso, algumas jogadoras desejam se tornar a referência feminina que não tiveram na infância, principalmente para crianças que compartilham da vontade de jogar futebol.

Já os desejos dentro do futebol amador são mais no sentido de torna-lo um espaço mais justo e igualitário, seriam eles: melhorar a divulgação, ampliar a visibilidade, aumentar o número de mulheres jogadoras, conseguir mais patrocinadores, igualar o valor das premiações dos campeonatos e um maior envolvimento do poder público no sentido de fomentar políticas que contribuam para o combate as desigualdades dentro do esporte.

Dar voz a essas mulheres, nos permitiu acessar o futebol amador feminino de Chapecó/SC na sua essência, através dos olhares e da experiência de quem o vivencia

diariamente e contribuiu para compreendermos os desafios que enfrentam e os desejos que ainda as move dentro do esporte. Abriu caminhos também pra outras possibilidades de estudo dentro da temática, como buscar políticas públicas viáveis para a realidade do esporte no município, apreender o *espaço de representação do futebol* através do futebol amador feminino de Chapecó/SC, aprofundar nas diferenças de vivências entre mulheres de diferentes cidades, dentre muitos outros estudos. Cabe ressaltar que os resultados aqui obtidos não são universais e estáticos, eles foram construídos conjuntamente pelos relatos das jogadoras e a análise da autora, que carrega consigo uma carga teórica e experiências que condicionaram os caminhos pelos quais a pesquisa seguiu.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 117, p. 127-147, 2013. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/546>. Acesso em: 04 de ago. de 2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.
- BRASIL. Decreto-Lei N° 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. **Diário Oficial da União**, 1941. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em: 23 de mar. de 2022.
- BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Chão da Feira**, Cadernos de leituras n. 78, p. 1-16, 2018. Disponível em: <https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf>. Acesso em: 03 de ago. de 2022.
- CAMARGO, Wagner Xavier de. **Leituras de gênero e sexualidade nos esportes**. EdUFSCAR, São Carlos, 2021.
- CASTRO, E. C.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (org.). **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.
- CORRÊA, Roberto Lobado. **Caminhos paralelos e entrecruzados**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- CORRÊA, Roberto Lobado. **Espaço e simbolismo**. In: CASTRO, E. C.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (org.). **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016. p. 133-153.
- DA SILVA, Susana Maria Veleda. Geografia e gênero/geografia feminista - o que é isto? **Boletim gaúcho de geografia**, v. 23, n. 1, 1998. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38385>. Acesso em: 03 de ago. de 2022.
- FLICK, Uwe. Pesquisa qualitativa e quantitativa. In: FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009, cap.3, p. 39-49.
- GALLEGO CAMPOS, F. R.G. Geografia e futebol? Espaço de representação do futebol e rede sócio-espacial do futebol. **Revista TerraPlural**, Ponta Grossa, v. 2, p. 249-265, 2008.
- _____. O conceito de espaço de representação do futebol como possibilidade para apreensão do futebol profissional e amador como fenômenos da espacialidade. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 36, n. 2, p. 1-13, 2018.
- GONÇALVES, Josimere Serrão; RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas. Colonialidade de gênero: O feminismo decolonial de Maria Lugones. In: Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, VII,

2018, Rio Grande. **Anais eletrônicos** [...]. Rio Grande: Ed. da FURG, 2018. Disponível em: <https://7seminario.furg.br/images/arquivo/46.pdf>. Acesso em: 03 de ago. de 2022.

KERN., Leslie. **Cidade Feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

KOPANAKIS, Annie Rangel; SILVA, Gustavo Renan de Almeida da; AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José. Impedimentos no país do futebol. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n373166>. Acesso em: 02 de ago. de 2022.

MASCARENHAS, Gilmar. À Geografia dos Esportes: uma introdução. **Scripta Nova: revista electrónica de geografia y ciencias sociales**, Universidad de Barcelona, vol. 3, n. 32-54, 1999.

_____. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo Futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MASSEY, Doreen. A mente geográfica. **GEOgraphia**, Universidade Federal Fluminense, Niterói, vol. 19, n. 40, p. 37-40, 2017.

_____. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (org.). **O espaço da diferença**, Campinas: Papirus, p. 176-185, 2000.

RODRIGUES, Carla. Butler e a desconstrução do gênero. **Revista Estudos Feministas**, SciELO Brazil, vol. 13, n. 1, 2005.

SANTOS, Gislene. Resenha Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. **R. B. Estudos Urbanos e Regionais**, Departamento de Geografia UFPR, vol. 10, n. 1, 2008.

SCOTT, J. W. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História**, São Paulo, v. 45, p. 327-351, jul./dez., 2012.

SCHMID, C. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. **GEOUSP Espaço e Tempo**, [S. l], v. 16, n. 3, p. 89-109, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74284>. Acesso em: 14 de set. de 2022.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; JUNIOR, A. B. C. 'Não me chame de senhora, eu sou feminista'! Posicionalidade e reflexibilidade na produção geográfica de Doreen Massey. **GEOgraphia**, Universidade Federal Fluminense, Niterói, vol. 19, n. 40, p. 12-20, 2017.

SILVA, Joseli Maria. Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: _____. (org.). **Geografias subversivas: discurso sobre espaço, gênero e sexualidades**, Ponta Grossa: TODAPALAVRA, 2009. p. 25-54.

_____. Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. **Espaço e Cultura**, UERJ, n. 27, p. 39-55, jan./jun., 2010.

_____. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional**, v. 8, n. 1, p.31-45, 2003.

SILVA, M. G. S. S.; SILVA, J. M. Introduzindo as interseccionalidades como um desafio para a análise espacial no Brasil: em direção às pluriversalidades do saber geográfico. *In*: _____. (org.). **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**, Ponta Grossa: TODAPALAVRA, 2011. p. 17-35.

SIQUEIRA, C. B.; BUSSINGER, E. C. A. Estruturalismo e pós-estruturalismo: uma análise comparativa das contribuições teóricas feministas de Simone de Beauvoir e Judith Butler. *In*: **Mundos de Mulheres**, XIII, 2017, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499196025_ARQUIVO_Artigo-13MundodasMulheres.pdf. Acesso em: 03 de ago. de 2022.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Bloco 1 – Perfil da entrevistada
<p><i>Objetivo: Conhecer o perfil da entrevistada e questões que nos ajudarão a compreender a sua vivência nos espaços.</i></p> <p>Pergunta 1: Qual sua idade, etnia, orientação sexual, estado civil, trabalho/estudos? Tem filhos? Onde e com quem mora?</p>
Bloco 2 – Relação com o futebol: ser mulher jogadora
<p><i>Objetivo: Conhecer a história da entrevistada no que diz respeito a sua relação com o futebol, identificar os espaços de vivência e as relações criadas a partir delas, compreender o significado do esporte na vida sua cotidiana e saber se tem o apoio de familiares/amigos e demais pessoas que fazem parte da sua vida.</i></p> <p>Pergunta 2: Como iniciou a relação com o futebol, teve influência de alguém? Quem?</p> <p>Pergunta 3: O interesse pelo esporte surgiu ainda na infância ou foi mais tardio?</p> <p>(O contato inicial foi como torcedora de algum time ou foi praticando na escola ou fora dela com amigos(as)? Se praticava, jogava com outras meninas ou com os meninos?)</p> <p>Pergunta 4: O que te motiva a praticar o esporte hoje em dia? E o que te desmotiva?</p> <p>Pergunta 5: Você considera os espaços do futebol espaços machistas? Se sim, de que maneira o machismo se manifesta nesses espaços pela sua perspectiva? Esse é um ponto que te desmotiva ou te motiva a seguir praticando o esporte e vivenciando esses lugares?</p> <p>Pergunta 6: Já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação? Onde, por quem, como foi, estava relacionado a algum marcador social (gênero, etnia, orientação sexual, etc.)? Já sofreu com o machismo especificamente? Como foi?</p> <p>Pergunta 7: Como reagiu a essas situações? Já viu alguém sofrer com isso? Como reagiu?</p>

Bloco 3 – Estruturas para a prática do esporte

Objetivos: Compreender como são as estruturas do futebol amador feminino de Chapecó, se elas apresentam algumas dificuldades para as mulheres que praticam o esporte, se influenciam nos desejos das jogadoras e se há algo que possa ser melhorado.

Pergunta 8: Como é organizado o futebol amador feminino em Chapecó?

(Quais modalidades pratica? Quais os principais campeonatos? Qual a sua relação com os demais times?)

Pergunta 9: Como funciona a questão financeira? É preciso muito investimento para manter o time, participar dos jogos? Quem arca com os custos? Você necessita da ajuda de terceiros para questões de logística, como arcar com alguns custos ou para o deslocamento até os lugares?

Pergunta 10: Como o futebol amador entrou na sua vida? Você criou novas relações sociais através das vivências nesses lugares? (Que relações são essas?) Quais lugares que você frequenta com o grupo do futebol?

Pergunta 11: O que significa pra você ser uma mulher jogadora do futebol amador feminino em Chapecó? O que o futebol representa na sua vida? Ele está presente e influencia de alguma maneira no seu cotidiano?

Pergunta 12: Como é ser uma jogadora nos espaços fora do futebol (nos locais onde trabalha, onde estuda, em casa, na casa de amigos, na casa de familiares, na rua)?

Pergunta 13: Há diferenças entre o futebol amador masculino e o feminino? Quais? Há presença de figuras masculinas no time/função ou na organização do futebol na cidade?

Pergunta 14: Quais as maiores dificuldades encontradas para seguir praticando o futebol?

Pergunta 15: Quais seus desejos dentro do futebol? Almeja ou já almejou chegar ao profissional?

Pergunta 16: Há algum incentivo do poder público e/ou privado voltado para o futebol amador feminino de Chapecó? Como você vê a visibilidade (divulgação) do futebol amador feminino em Chapecó atualmente? Há alguma política ou ação de incentivo?

Pergunta 17: Você poderia sugerir algo que pudesse melhorar essas questões da visibilidade e do incentivo do futebol amador?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

GEOGRAFIA E GÊNERO: DESAFIOS E DESEJOS DE MULHERES JOGADORAS DO FUTEBOL AMADOR DE CHAPECÓ/SC

Pesquisadora: Viviane da Silva, contato: viviane.silva@estudante.uffs.edu.br

Orientadora: Prof. Dra. Paula Lindo, contato paula.lindo@uffs.edu.br

Prezada participante,

Você está sendo convidada a participar como entrevistada dessa pesquisa desenvolvida por Viviane da Silva, acadêmica do curso de graduação de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus Chapecó*, sob orientação da Prof. Dra. Paula Lindo. O objetivo central do estudo é identificar e analisar os desafios e desejos de mulheres que praticam o futebol amador na cidade de Chapecó/SC, pela perspectiva da Geografia de Gênero, com o intuito de fomentar elementos para elaboração de políticas de incentivo ao futebol amador. Reiteramos que sua participação é individual, voluntária e anônima. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas, qualquer dado que possa identificá-la será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa. Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Caso não se sinta à vontade para responder qualquer uma das perguntas basta informar, pois suas respostas são voluntárias. A entrevista será gravada somente para a transcrição das informações, logo após o término das transcrições a gravação será excluída. Esta atividade não apresenta riscos aos sujeitos participantes, pois os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer informação que comprometa o sigilo da participação como nome, endereço e outras informações pessoais. Desde já agradecemos sua participação e estamos à disposição para maiores esclarecimentos.

Eu, _____, declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa. Li e compreendi este termo de consentimento e concordo em participar da entrevista. Autorizo o uso e publicação das informações prestadas.

Chapecó, _____ de _____ de 2022.

Assinatura